

# EH!

estudos homossexuais

## vol I



## Expressões da homossexualidade em Maputo



uma publicação



lambda

com o apoio do



Esta colectânea de monografias foi possível graças ao apoio do Fundo das Nações Unidas para a População UNFPA. As opiniões aqui presentes são dos autores e não reflectem necessariamente os pontos de vista do UNFPA.

**Autores**

Estevão Artur Manhice

António Martins Timbana

**Layout e fotografia** : Danilo da Silva

LAMBDA © 2012, Maputo, 1ª Edicção

A informação aqui patente pode ser reproduzida desde que a fonte seja citada

---

## índice

Prefácio 7

### **De “Maria-rapaz” à lésbicas: trajectórias identitárias de mulheres que fazem sexo com outras mulheres 19**

Introdução 20

Metodologia 24

A descoberta da diferença 26

Descobrimo-se uma “Maria-rapaz”: entre brincadeiras e maneiras de vestir 26

Encontrando outras “Maria-rapaz”: criação de redes sociais 29

O campo de futebol 31

Entre discotecas e festas 32

Práticas sexuais entre mulheres? Desenvolvimento das relações amorosas entre mulheres 33

De “Maria-rapaz” à lésbicas: afirmação de identidades sexuais de mulheres que fazem sexo com outras mulheres 36

Considerações finais 38

Bibliografia 40

### **Homossexualidade na Cidade de Maputo: Mecanismos de Afirmação e Legitimação social dos “Gays” 47**

Introdução 48

Metodologia 53

Sexualidade: Posicionamentos teóricos 56

Trajectórias sexuais 59

Afirmação e legitimação de uma identidade sexual 61

Identidade (s) sexuais e formas de identificação usadas pelos “gays” 65

Espaços de convívio entre «gays» 70

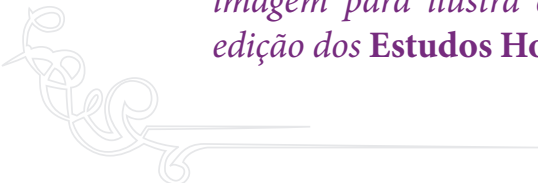
Considerações finais 74

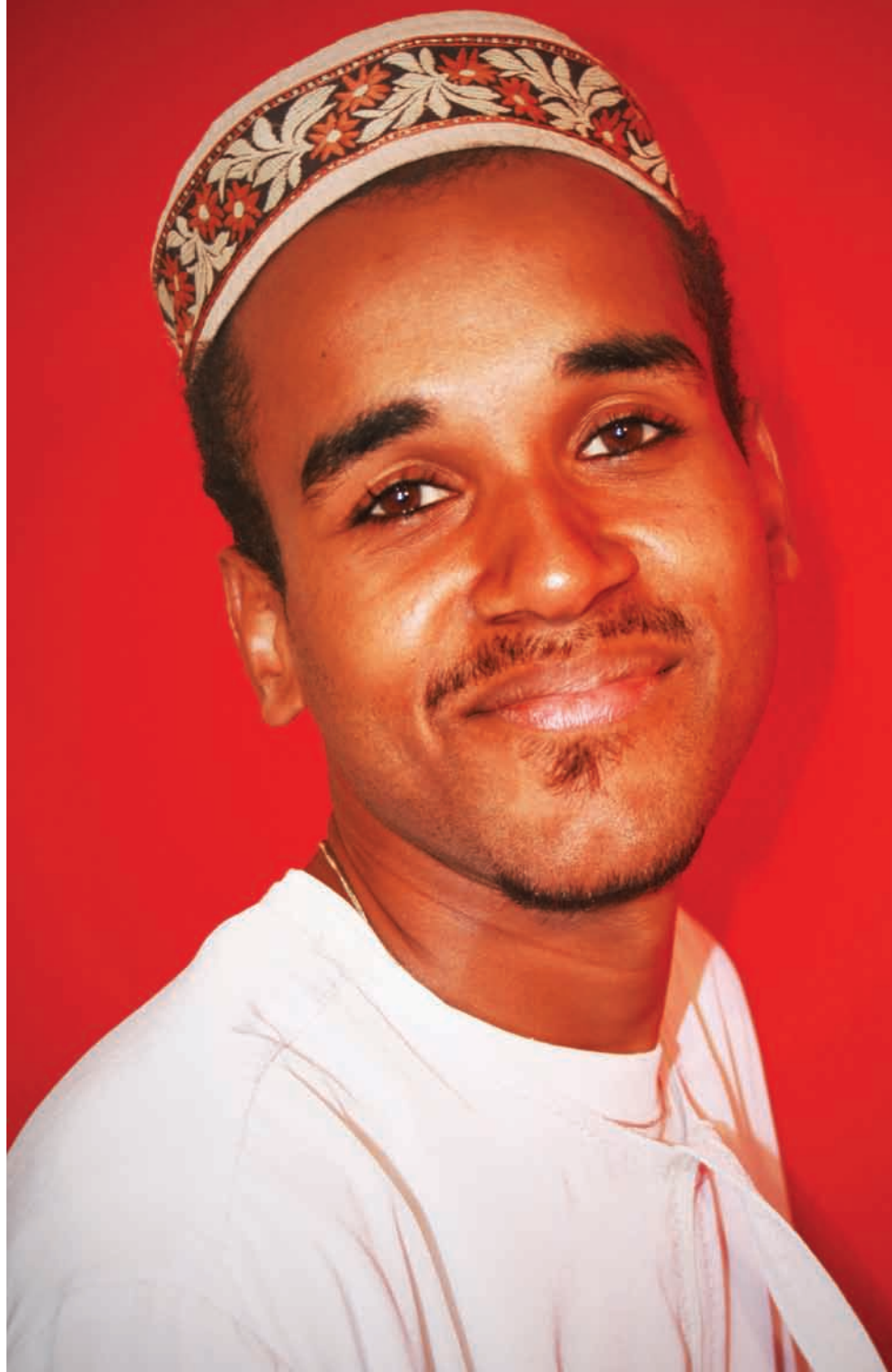
Bibliografia 77

## Agradecimentos



Nossos mais profundos agradecimentos aos autores por terem feito um trabalho excelente. O nosso especial agradecimento vai para os membros da nossa comunidade que orgulhosamente emprestaram a sua imagem para ilustra esta primeira edição dos **Estudos Homossexuais**.







---

## Prefácio

Em 2009, a escritora e romancista Nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, proferiu uma palestra no TED Global intitulada *The dangers of a single story* (Os perigos de uma única história). Nesta exposição ela aborda os problemas decorrentes da universalização de uma visão fechada e única sobre determinada realidade. Focando no exemplo do continente africano, ela mostra como existe a necessidade de nos abstrairmos da visão do continente que o mergulha em catástrofes, guerras, pobreza e miséria abrindo as nossas mentes e falando de histórias positivas. Ela conclui que é impossível entender correctamente um lugar ou uma pessoa sem perceber todas as diferentes histórias desse lugar ou pessoa. A consequência de nos atermos à apenas uma única história é roubar a dignidade das pessoas. A história única torna o reconhecimento da nossa igualdade humana difícil e, enfatiza o quão diferentes somos em vez do quão similares somos (Adichie 2009).

A percepção sobre práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo em África, ou melhor a constante ênfase na sua inexistência no continente, é um exemplo de uma história que se quer valer única e por isso, perigosa. É bastante difundida no continente a ideia de que a tais práticas são exógenas à África e teriam resultado de contactos com povos estrangeiros. Uma análise histórico-antropológica impõe-se como uma ferramenta importante para entender tais percepções e o processo de construção de um discurso (história) único sobre as práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo nessa parte do Mundo.

Antropólogos e missionários tiveram um papel central na documentação da diversidade sexual nos vários quadrantes do Universo. No continente Africano, o trabalho destes demonstrou que as sociedades tendiam a dar extremo e colossal valor aos casamentos heterossexuais e à reprodução. No entanto, práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo foram também identificadas em escritos datados de épocas tão remotas quanto o século XVI (Epprecht 2008). Sir Richard Burton, geógrafo e explorador Britânico que viajou pela Ásia e África, bastante interessado nas questões da sexualidade e do erótico, tradutor para Inglês de *O Livro das Mil e Uma Noites* e *O Kama sutra*; numa de suas obras, onde faz revista da sexualidade pelo mundo referencia um documento português datado de 1558 onde nota que “a ´danação antinatural` (um eufemismo para sexo entre homens) era estimada entre os Kongo” (Burton in Epprecht 2008: 37). Andrew Battell que viveu entre os Imbangala

(actual Angola) na década de 1590 afirmou que “eles tem tendências de bestas na sua vivência pois tem homens vestidos de mulheres que mantem entre as suas esposas”(Battell in Purchas in Epprecht 2008: 37).

Estes constituem parte de vários relatos sobre práticas entre pessoas do mesmo sexo. Estas práticas estavam também associadas a significados simbólicos e rituais, assim como a medicina, estando associadas a práticas de cura (Estermann 1976, Matory 2003, Niehaus 2002). Os relatos dos missionários, exploradores e antropólogos dessa época decriviam na sua maioria relações sexuais entre homens pois constituíam muitas vezes o eixo de afronta ao padrão heteronormativo que caracterizava os Ocidentais que os descreviam. Literatura mais recente demonstra também a existência de relações sexuais e eróticas entre mulheres africanas no contexto de profecias sobrenaturais, possessão de espíritos, jogos sexuais, experimentação e relaxamento (Estermann 1976).

No entanto, um silêncio se fez sentir em relação aos relatos sobre sexo entre pessoas do mesmo sexo a partir da época da revoluções industrial e científica (finais do século XVIII e início do século XIX). Segundo Foucault, estas revoluções transformaram as ideias sobre sexualidade, apropriação de certos papéis de género e identidades. Como consequência, as relações entre pessoas do mesmo sexo que já eram tabú na Europa (que na época pré-industrial eram consideradas pecado) tornaram-se sinónimos de defeitos de personalidade. Esta perspectiva foi consubstanciada por argumentos científicos que construíram o indivíduo homossexual como desprezível, a evitar e reprimir. Esta visão homofóbica reforçou e consolidou o sistema sexo/género que enfatizava a virilidade masculina e a domesticidade feminina de forma intrínseca à anatomia física (Epprecht 2008, Foucault 1990, Fry and MacRae 1983).

A resenha analítica efectuada por Epprecht ilustra claramente como esta visão Ocidental sobre a sexualidade deu forma às percepções actuais sobre homossexualidade em África. Epprecht afirma que a redefinição da sexualidade ocorrida no contexto das revoluções passou a reconhecer a existência de uma pequena porção de pessoas que nasceriam homossexuais. No entanto, a homossexualidade seria anómala à natureza e consequentemente alimentada por influência humana. Para que tal influência ocorresse tal sociedade deveria ser civilizada e, para colmatar (preferencialmente eliminar) a homossexualidade deveriam existir mecanismos morais rigorosos, uma



---

educação severa por parte dos pais e, uma intervenção por parte do Estado para combater tendências não-naturais. A África e os Africanos figuravam na visão dos Ocidentais dessa época como primitivos. Esta visão preconceituosa remetia África à proximidade com a natureza e à opunha a civilização. Assim não se previa que africanos apresentassem traços sociais ou comportamentos resultantes de um aperfeiçoamento e sofisticação cultural. Neste sentido, as expectativas em relação à sexualidade dos Africanos era de que ela se construía à volta da heterossexualidade (supostamente natural) e estes não possuíam diversidade sexual (ou mesmo emoções como o amor). A expansão Europeia pelo interior do continente solidificou a ideia de que os Africanos não possuíam práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, principalmente através dos escritos dos missionários Cristãos e oficiais coloniais que enfatizavam a bárbara falta de controle do instinto heterossexual em África. Na verdade os missionários possuíam um sem número de “imoralidades” heterossexuais em África com que se preocupar: poligínia, casamentos infantis, casamentos com recompensas em cabeças de gado, cortes genitais femininos, herança da viúva, purificação da viúva, entre outros (Epprecht 2008 38-41).

Assim iniciou o processo de consolidação da única história sobre as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo em África. Com as independências no continente a partir da década 1960, os novos Estados definiram-se em vários aspectos em oposição as visões preconceituosas dos colonos Ocidentais em relação aos Africanos. Surpreendentemente, em relação a visão da sexualidade Africana, de forma generalizada o continente prosseguiu com a construção colonial da naturalização e exclusividade da heterossexualidade em África. Diferentes Estados optaram por diferentes níveis de expressão e regulamentação da homossexualidade. Nos casos do Zimbabwe e Namíbia por exemplo, os seus líderes Robert Mugabe e Sam Njoma expressaram claramente visões anti-homossexualidade, definido-a como uma importação do Ocidente que poluía e se transformava numa ameaça aos valores patriarcais percebidos como endógenos e definidores da cultura e valores dessas Nações. Assim nestes Estados a homossexualidade é criminalizada. O caso do Uganda que em 2009, agudizou as penas para crimes de homossexualidade, através da Ugandan Homosexuality Bill, para penas que vão da prisão perpétua à pena de morte constitui um dos exemplos mais gritantes no continente. A África do Sul é o único país Africano onde os casamentos entre pessoas do mesmo sexo são permitidos legalmente a partir do Civil

Union Act de 2006. Outros países, como o caso de Moçambique, não possuem impedimentos explícitos na sua legislação sobre a homossexualidade tendo uma Constituição que rege direitos iguais para todos os cidadãos mas, por exemplo no caso concreto de Moçambique não é aceite o registo legal da associação de gays, lésbicas, bissexuais e transexuais.

A pandemia do HIV e SIDA em África constituiu outro exemplo de consolidação da história única de inexistência de relações entre pessoas do mesmo sexo no continente Africano. Desde as primeiras fases das iniciativas de prevenção do HIV e SIDA no continente se excluíram estratégias que focalizassem em mecanismos de prevenção da infecção em relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Mais uma vez, o racional era de que em África as relações heterossexuais eram predominantes (senão exclusivas) e que diferente do Ocidente, onde a pandemia teve início e visibilidade na comunidade gay, o motor da expansão do vírus eram as relações heterossexuais. E onde se encaixa a prevenção por exemplo para os praticantes de relações sexuais com pessoas do mesmo sexo comuns nos vários países da África Subsaariana nas cadeias (Smith et al. 2009) e compounds de mineiros onde por exemplo, mineiros Shangaan em Johannesburg denominados “marido” (nuna) pediam à rapazes que se tornassem suas “mulheres” (nsati). Estes davam aos rapazes dinheiro e os tratavam com gentileza e como recompensa, os rapazes satisfaziam os seus desejos sexuais (Mathabane 1986, Niehaus 2002). É verdade que poucos Africanos do Sul do Sahara se identificam como homossexuais, lésbicas, bissexuais, gays, queer ou qualquer outra designação patenteada no Ocidente para significar uma orientação sexual individual. No entanto, contemporaneamente existe o conhecimento de que muitas pessoas que não usam tais designações envolvem-se algumas vezes, outras vezes predominantemente em relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Uma negação desta realidade, parafraseando o trecho inicial de Adichie retira a dignidade dessas pessoas e o sentido de igualdade com outros seres humanos pois, por exemplo no referente a métodos de prevenção e tratamento ao HIV e SIDA são excluídos e por isso mais expostos a infecção e consequentemente à morte.

No entanto é necessário enfatizar que as circunstâncias actuais acabam forçando fazedores de políticas a tomar consciência da existência e risco a que estão expostos os que praticam relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. Por exemplo, no caso do Moçambique, pela primeira vez o 3º Plano

---

Estratégico Nacional de Resposta ao HIV e SIDA a vigorar de 2010 a 2014 inclui a categoria de homens que fazem sexo com homens como um segmento da população sob alto risco de exposição ao HIV decorrente de factores sócio-económicos, culturais ou comportamentais (Governo de Moçambique 2010). Esta categoria da população passa a este grupo juntamente com categorias que já eram alvo de atenção privilegiada na prevenção da pandemia no país como: trabalhadoras de sexo, migrantes, militares e refugiados, só para citar alguns. Continuam ausentes as preocupações com mulheres que praticam sexo com mulheres!

Esta compilação insere-se nos esforços da LAMBDA – Associação para a Defesa das Minorias Sexuais de dar visibilidade aos trabalhos académicos a nível nacional que abordem questões relacionadas com a homossexualidade. Assim, após concurso público onde participaram oito candidatos foram seleccionados dois, com obras resultantes do trabalho de dissertação de fim de curso de Licenciatura. As obras aqui apresentadas trazem à tona a diversidade da sexualidade em Maputo e exploram percepções e práticas de homens e mulheres que se auto denominam gays e lésbicas, respectivamente. Estes trabalhos exploram o sexo entre pessoas do mesmo sexo a partir de uma perspectiva sócio-cultural e política e não da psicológica ou medicina onde se centraram estudos desta temática durante vários anos.

### *Analizando diversidade sexual*

De facto, como dicutem Fry e McRae (1986) desde que a antropóloga Margaret Mead escreveu seus dois famosos livros, *Sexo e Temperamento* e *Macho e Fêmea*, em 1935 e 1949 respectivamente, e especialmente desde o surgimento do feminismo moderno, a distinção entre sexo fisiológico e sexo social (papéis sociais) tem sido discutida cada vez mais, contantando-se que os papéis sexuais de homem e mulher variam de cultura para cultura e de época para época,

Está claro na contemporaniedade que as diferenças de comportamento entre os dois sexos não podem ser explicadas apenas em termos de diferenças biológicas, pois reconhece-se que os papéis sexuais são manipulados socialmente. A monografia de Timbana, enquadra-se nesta perspectiva uma vez que o autor explora como o sexo fisiológico das mulheres com que trabalhou não se enquadra na expectativa dos papéis sociais e sexuais hegemónicos característicos do espaço social da cidade de Maputo: mulheres associadas associadas a vida doméstica e profissional, em relacionamentos

heterossexuais com objectivo de procriação e idealmente casamento!

No contexto explorado por Timbana, as jovens adoptam uma indumentária “masculinizada” e são praticantes e apreciadoras de desportos comumente associados ao universo masculino (futebol). Estas características levam o autor a denominar estas mulheres de “maria-rapaz”. Este conceito paradoxal carrega em si as nuances da diversidade, que para o grupo-alvo do autor atinge a sexualidade destas mulheres pois elas se identificam como lésbicas. O autor explora o processo de descoberta da diferença que estas mulheres vivem quando em contacto com outras que seguem padrões diferentes, as dificuldades por elas encontradas assim como a sua socialização e a expressão da sua sexualidade.

Com a análise o autor não pretende extrapolar que todas as mulheres que apresentam um estilo de vestir masculinizado sejam necessariamente lésbicas, pois como ele observa, algumas das namoradas das mulheres que constituem o seu grupo alvo são bastante femininas na sua indumentária e estilo. Mais uma vez, a diversidade é aqui um factor a ter em consideração, como afirmam Morgan e Wieringa (Morgan and Wieringa 2005), que dentro da mesma identidade sexual as pessoas assumem diversos papéis, posturas e visões como sugere o título do seu livro sobre práticas sexuais em entre mulheres em África: lésbicas maria-rapaz, homens lésbicos, e mulheres ancestrais.

No entanto na visão hegemónica heteronormativa cria-se uma série de expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e mulheres de acordo com sua posição

social. Estas expectativas, nem sempre conscientes, são impostas através de uma série de mecanismos sociais. Desde o berço, os meninos e as meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer “desvio” é reprimido e recuperasse o bom comportamento (Fry & McRay 1983: 3-4). É notório que este mesmo raciocínio é raramente usado quando se discute a homossexualidade. De alguma forma, a tendência é de acreditar que homossexuais masculinos e femininos são biologicamente ou psicologicamente tão diferentes dos assim chamados heterossexuais, que seu comportamento pode ser compreendido em termos mais psicológicos e biológicos que sociais. É tido como “natural” que o homossexual masculino seja “afeminado” e a

---

homossexual feminina “máscula”. É também tido por muitos que os homossexuais são doentes ou, ao menos, neurótico (Fry & McRay 1983: 5). Negando esta patologização da homossexualidade o autor de *Mecanismos de afirmação e legitimação social dos gays em Maputo* narra estratégias individuais e colectivas que homens gays utilizam para se afirmar em Maputo. Estevão manhice redige a trajectória destes homens de modo a oferecer-nos o background social, familiar e profissional do seu grupo-alvo. Fica bastante patente neste trabalho que a homofobia é uma realidade no espaço de Maputo e que os gays estrategizam de modo a ter em conta os seus receios, preconceito, exclusão e marginalização.

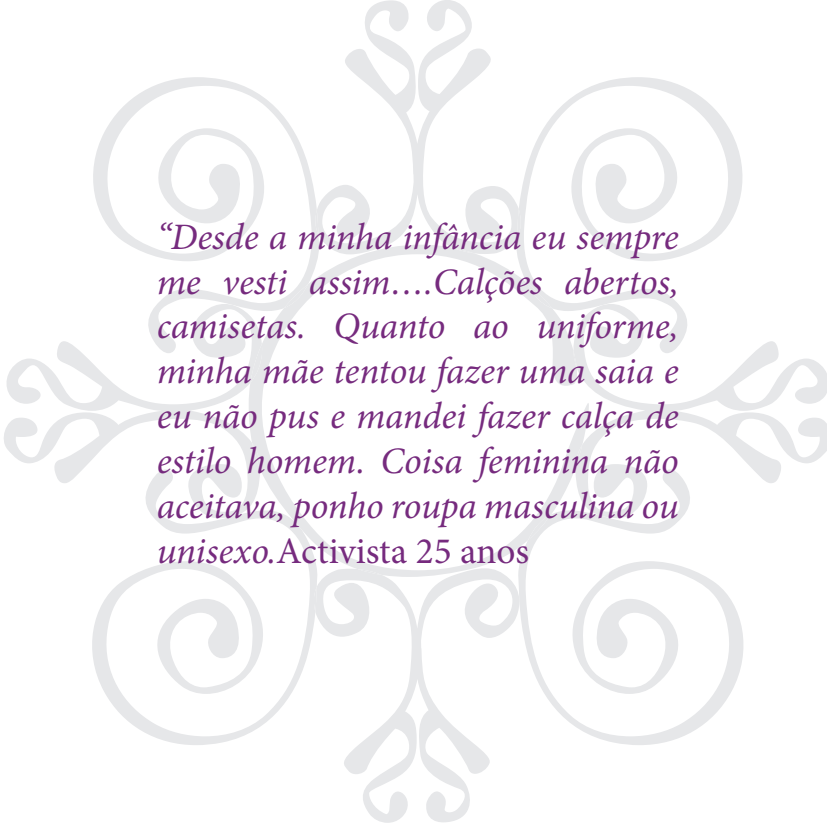
A luta contra a homofobia é historicamente no movimento LGBT um cavalo-de-batalha. Desde a génese deste movimento até as suas diferentes ramificações pelo mundo foi e continua a ser um aspecto central. No entanto, a emergência da teoria queer na década de 1990 que desafia a ideia de que género é parte essencial dos seres humanos e na ideia de que os actos e identidades sexuais são construídas socialmente. Esta teoria expande-se dos estudos de gays e lésbicas (que discute essencialmente o que é “natural” e “não-natural”) para incluir qualquer tipo de actividade ou identidade sexual que não se compadece com categorias normativas. Esta teoria ganhou assim um cunho político e inclui não só gays mas todos aqueles que se sentem excluídos pelo facto de as suas práticas sexuais não se enquadrarem no estabelecido como “normal”.

Esta obra traz a tona realidades muito pouco exploradas nas Ciências Sociais em Moçambique e por isso, a oportunidade de dar visibilidade e alargar o conhecimento sobre sexo entre pessoas do mesmo sexo em Maputo, e paulatinamente Moçambique. Esta constitui o acréscimo de mais algumas histórias (no sentido de Adichie) que nos permitem começar a ter uma visão holística de uma realidade e de um povo. Mais diversidade, mais histórias são necessárias. Histórias que englobem também a diversidade em grupos pouco explorados como deficientes, pessoas que sem serem necessariamente homossexuais realizam práticas não normativas, constituem alguns exemplos de outras histórias interessantes a serem contadas.

**Referências**

- Epprecht, M. 2008. *Heterosexual Africa? : the history of an idea from the age of exploration to the age of AIDS*. New African histories series. Athens  
Scottsville, South Africa: Ohio University Press ;  
University of KwaZulu-Natal Press.
- Estermann, C. 1976. *The Ethnography of Southwest Angola*. New York.
- Foucault, M. 1990. *The history of sexuality: An introduction*. Vol. 1. New York: Penguin Books.
- Fry, P., and E. MacRae. 1983. *O que é a homossexualidade*. Coleção Primeiros Passos. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense.
- Governo de Moçambique. 2010. "Plano Estratégico Nacional de Resposta ao HIV e SIDA 2010-2014." Maputo.
- Mathabane, M. 1986. *Kaffir boy: The true story of a black youth's coming of age in apartheid South Africa*. Vol. 86: Macmillan New York.
- Matory, J. L. 2003. *Gendered Agendas: The Secrets Scholars Keep about Yorùbá Atlantic Religion*. *Gender & History* 15:409-439.
- Morgan, R., and S. Wieringa. 2005. *Tommy boys, lesbian men, and ancestral wives: Female same-sex practices in Africa*. Johannesburg: Jacana Media.
- Niehaus, I. 2002. *Renegotiating masculinity in the South African Lowveld: narratives of male-male sex in labour compounds and in prisons*. *African Studies* 61:77-97.
- Smith, A. D., P. Tapsoba, N. Peshu, E. J. Sanders, and H. W. Jaffe. 2009. *Men who have sex with men and HIV/AIDS in sub-Saharan Africa*. *The Lancet* 374:416-422.





*“Desde a minha infância eu sempre me vesti assim....Calções abertos, camisetas. Quanto ao uniforme, minha mãe tentou fazer uma saia e eu não pus e mandei fazer calça de estilo homem. Coisa feminina não aceitava, ponho roupa masculina ou unisexo. Activista 25 anos*





**De “Maria-rapaz” à lésbicas: trajetórias  
identitárias de mulheres que fazem sexo  
com outras mulheres**

António Martins Timbana



## De “Maria-rapaz” à lésbicas: trajetórias identitárias de mulheres que fazem sexo com outras mulheres

António Martins Timbana

Este estudo analisa os processos de afirmação de identidades de mulheres que fazem sexo com outras mulheres na cidade de Maputo. O estudo é do tipo qualitativo, foi realizado na cidade de Maputo com mulheres que fazem sexo com outras mulheres. Algumas destas mulheres são jogadoras futebol e outras são activistas de HIV/SIDA da Associação Lambda que também praticam o futebol. Para além de práticas sexuais que mantém com outras mulheres, estas vestem-se de um traje socialmente concebido para “homens” e praticam futebol. É por causa do seu traje e pela prática de futebol que são designadas “Maria-rapaz”. Os resultados deste estudo revelam que estas mulheres construíram as suas identidades ao longo do tempo, partindo do momento que eram chamadas de “Maria-rapaz”, passam a se pensarem “Maria-rapaz”, conhecem outras “Maria-rapaz”, criam uma rede, passam a fazer parte de um movimento político de luta pelos direitos das minorias sexuais e reivindicam uma orientação sexual específica, a de “lésbicas”. Os resultados deste estudo revelam ainda que estas mulheres afirmam as suas identidades a partir da sua indumentária, das relações afectivas-amorosas e sexuais que mantém com outras mulheres e pela prática do futebol. Isto permite concluir que as suas identidades sexuais foram construídas ao longo do tempo e são afirmadas de múltiplas formas.

**Palavras-chaves:** *Maria-rapaz, Identidade sexual, Lésbica*

## Introdução

O presente estudo analisa os processos de afirmação de identidades entre mulheres que fazem sexo com outras mulheres. A análise sobre identidades e práticas sexuais entre pessoas que fazem sexo com outras do mesmo sexo em Moçambique tem um enfoque virado para homens que fazem sexo com outros homens. Dos poucos estudos que existem em Moçambique sobre estes homens, o enfoque é sobre questões ligadas ao risco de infecção pelo HIV e sobre a orientação sexual dos mesmos. A título de exemplo temos estudos da Lambda (2010) e de Brigitte Bagnol (1996). O estudo da Lambda analisa a exposição de risco pelo HIV de homens que fazem sexo com outros homens. O estudo de Bagnol (1996) analisa as relações homoeróticas em Moçambique e afirma que estas relações começam com os mineiros que trabalhavam na África do Sul, que pelo facto de ficarem muito tempo nas minas acabavam por manter relações sexuais entre eles. Esta forma de abordar as práticas e identidades sexuais entre homens que fazem sexo com outros homens é também encontrada em jornais e televisões<sup>1</sup>.

Com esta forma de abordar estas questões só se fica a saber sobre aspectos da sexualidade de homens que fazem sexo com outros homens, ficando por compreender a sexualidade entre mulheres que fazem sexo com outras mulheres. Assim, analisam-se os processos de afirmação de identidades sexuais de mulheres que fazem sexo com outras mulheres. Especificamente, a partir das trajectórias sexuais dessas mulheres, descreve-se o processo de construção e afirmação de suas identidades sexuais.

A discussão sobre as identidades tem sido analisada por duas perspectivas, nomeadamente, a perspectiva essencialista e a perspectiva construtivista social. A perspectiva essencialista olha para as identidades como sendo estáveis ou fixas. Na visão desta perspectiva os indivíduos nascem homens ou mulheres e devem desempenhar papéis inerentes ao seu sexo biológico. Associam-se os genitais à identidade sexual do indivíduo. Esta perspectiva impede olhar para relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, e assim limita a compreensão sobre como mulheres que fazem sexo com outras mu-

---

1 Em Maio de 2009, houve um debate na STV ( Soico Televisão de Moçambique) denominado Homossexualidade em Moçambique, que se discutiram os direitos de homossexuais em Moçambique. O debate centrou-se numa visão de homossexualidade como sendo exclusiva aos homens que mantêm relações sexuais com outros homens e como a religião olhava para esse fenómeno.

lheres podem construir e afirmar suas identidades sexuais (Hall,1998 apud Costa, 2002; Heilborn, 1995; Vance, 1995).

A perspectiva construtivista social assume que as identidades são construídas, podem mudar ao longo do tempo, e são contextuais. Nesta perspectiva as identidades só podem ser entendidas se analisadas de acordo com o contexto no qual se está inserido. Esta perspectiva pode permitir entender como as identidades são afirmadas enquanto um processo de construção social e fluídas (Heilborn, 1995; Vance, 1995). No caso do estudo em análise, existe um processo de construção de uma identidade sexual, estas mulheres não nasceram lésbicas mas construíram a sua identidade a partir do momento que eram chamadas “Maria-rapaz” e se pensavam “Maria-rapaz” e depois se tornaram lésbicas como um processo decorrente das suas redes sociais, em que passam a reivindicar a uma identidade sexual colectiva que é vista como produto da sua orientação sexual. Este modelo de construção social permite ainda que se questione a validade de se impor, a outras culturas, as crenças populares ocidentais sobre a sexualidade, privilegiando-se explicações de cultura no seu contexto (Parker e Easton, 1998 apud Parker, 2000; Vance, 1995).

Este estudo é conduzido à luz da teoria de construção social sobre as identidades (Vance, 1995; Heilborn & Brandão, 1999 e Parker 2000). Pensando como Vance (1995) a cultura gera categorias, esquemas e rótulos muito diferentes para estruturar as experiências sexuais e afectivas. O uso desta teoria permite compreender como as mulheres que fazem sexo com outras mulheres construíram o seu percurso de vida sexual e como foram accionando mecanismos para afirmarem as suas identidades.

Os debates teóricos sobre os processos de afirmação de identidades são apresentados de diferentes formas de explicação. Uns afirmam que as identidades são afirmadas colectivamente e outros afirmam que se baseiam na auto-afirmação (individual) e outros ainda afirmam que as identidades são expressas pela sexualidade dos indivíduos. Ora, os defensores das identidades colectivas afirmam que as identidades individuais são também identidades sociais porque as diferenciações e identificações estão inscritas dentro de um contexto social. Desta forma, as identidades sexuais se inserem num quadro de códigos sociais dominantes dentro dos quais o indivíduo declara a sua pertença. Assim, os indivíduos afirmam as suas identidades sexuais a partir dos postulados sociais, por exemplo, dizer “eu sou gay” ou “eu sou

lésbica” significa fazer uma declaração de pertença em relação a um grupo (Pina Cabral, 2006; Weeks, 1999).

Outros autores defendem que as identidades são afirmadas individualmente, na medida que, as identidades são vistas como um processo de auto-classificação que se insere na diferença e oposição em relação aos outros, e estão centradas nas práticas sexuais ou comportamentos sexuais dos indivíduos (Aquino, 1992; Bill, 2007; Pereira e Leal, 2005). Para estes autores, a auto-classificação é fundamental para entender o que o indivíduo pensa realmente acerca da sua identidade.

Outros autores ainda afirmam que as identidades sexuais estão centradas na sexualidade do indivíduo através daquilo que o seu corpo realmente expressa, e o facto de o indivíduo manter relações sexuais com parceiro do mesmo sexo não é um elemento que define as suas identidades (Foucault, 1998; Heilborn, 1995). A identidade sexual não está nas práticas sexuais dos indivíduos porque a qualquer momento podem mudar de parceiros sexos do mesmo (mulher/mulher) sexo para o sexo oposto (mulher/homem), e aqui está presente a ideia de fluidez de identidades, em que os indivíduos podem assumir diversas identidades em momentos e espaços diferentes.

O conceito de identidade sexual é visto como uma forma de fazer uma declaração sobre a pertença de um grupo específico, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes, aceitação de uma posição social particular, como dizer “eu sou gay” ou “eu sou lésbica” (Weeks, 1999: 70). Ora, neste estudo o conceito de Orientação sexual ganha um significado importante porque não se restringe a uma declaração de pertença, a “orientação sexual refere-se aos desejos sexuais, afectivos e eróticos”, que pode ser homossexual se este desejo for entre pessoas do mesmo sexo, heterossexual se for um desejo por pessoas do sexo oposto e bissexual se o desejo for tanto por pessoas do mesmo sexo como do sexo oposto (Benedetti, 2010: 8). Dai que as mulheres em análise afirmam uma identidade através da sua orientação sexual, e em relação a este aspecto é importante referir que mulheres que fazem sexo com outras mulheres não são necessariamente lésbicas, podem ser bissexuais e também podem não se identificarem com rótulos como “lésbicas” ou “bissexuais”.

O termo “lésbica” é usado em referência as pessoas que mantêm relações afectivo - sexuais com outras do mesmo sexo, neste caso, mulheres (Loman-

do, 2008). Este termo é usado para o caso das mulheres que se identificam como “lésbicas”. As mulheres em análise neste estudo se consideram “lésbicas” porque sentem desejos sexuais, afectivos e eróticos por outras mulheres.

O termo “maria-rapaz” é uma denominação que se usa em referência ao traje que elas vestem, socialmente concebido para “homens” e pela prática do futebol. Este é um rótulo que lhes é atribuído pelas razões avançadas: o seu traje e a prática do desporto.

O conceito de redes sociais é visto como acção estratégica de um grupo de indivíduos no meio social e a sua dinâmica está voltada para a perpetuação, a consolidação e desenvolvimento de actividades deste grupo (Marteleto, 2001; Costa 2005). Estas mulheres criaram suas redes de amizades a partir da escola e no campo de futebol com outras mulheres através da partilha de experiências individuais. Depois aderiram a um movimento que constitui uma rede social das minorias sexuais onde passam a reivindicar a orientação sexual.

A descoberta de uma atracção por mulheres por parte deste grupo de mulheres aconteceu com o alargamento das suas redes de influência partindo da escola até ao futebol. A partir das práticas que viam com as outras mulheres e foram incorporando a ideia de que existem práticas sexuais entre mulheres. Desta forma, elas adoptaram um estilo de vida e como corolário disso, apresentam uma identidade diferente daquela que apresentavam quando eram mais novas, baseadas numa visão de uma relação heterossexual. Apesar destas mulheres se identificarem como “lésbicas” não significa que as mulheres que adoptam este estilo de vida são “lésbicas”, está uma parte daquelas mulheres que tem uma determinada orientação sexual e adoptaram este estilo de vida e se identificam como “lésbicas”.

O estudo é apresentado em quatro capítulos. A seguir a esta introdução que apresenta o objecto do estudo e o seu respectivo quadro teórico, é apresentado o capítulo dedicado a metodologia. Nesse capítulo são apresentados os métodos e técnicas usadas para a realização do presente estudo. No segundo capítulo são apresentadas as experiências de vida destas mulheres, focalizando o tipo de brincadeiras que tinham quando crianças e suas formas de vestir. No terceiro capítulo são descritas as redes sociais que estas mulheres criaram com particular enfoque para a prática de futebol, a participação nas

festas, discotecas e das práticas sexuais que mantêm com outras mulheres. No quarto capítulo aborda-se sobre os mecanismos de afirmação de identidades sexuais. Por último, em jeito de conclusão, são feitas as considerações finais do estudo.

## **Metodologia**

Esta pesquisa é de tipo qualitativo<sup>2</sup> de carácter exploratório. Esta metodologia permitiu apreender as trajectórias sexuais destas mulheres, bem como compreender o processo de construção e afirmação de suas identidades.

Este estudo foi realizado em três fases: a primeira fase do estudo que é teórica decorreu de Março a Julho de 2010 e consistiu na consulta bibliográfica e documental. A segunda fase deste estudo decorreu de 8 de Agosto a 20 de Outubro de 2010 e consistiu numa pesquisa etnográfica com mulheres que mantêm relações sexuais regulares com outras mulheres na cidade de Maputo. Recorreu-se ao uso de entrevistas semi-estruturas e informais com cerca de seis mulheres que fazem sexo com outras mulheres. Durante esta fase de pesquisa etnográfica houve algumas dificuldades em aceder as nossas informantes. Algumas informantes mostraram-se indisponíveis para participar mesmo tendo aceiteado numa primeira fase conversar e fazer parte do estudo. Foi recorrente durante esta fase adiamento de entrevistas devido a não comparência das informantes ao local previamente acordado para a realização das entrevistas. Este facto fez com que se mudasse a estratégia previamente adoptada para a recolha de dados no campo, tendo-se optado em efectuar conversas informais e também condicionou sobremaneira o trabalho durante a recolha de dados porque verificou-se uma alteração da estrutura desenhada para as entrevistas. Aliado a este facto, nas últimas conversas optou-se em não usar o caderno de notas. Isto deveu-se ao facto de se ter constatado que enquanto se faziam as notas elas paravam de falar e ficavam a espera que se terminasse de escrever para continuarem a falar. Como forma de superar este problema estratégia adoptou-se o uso de “entrevistas informais” e no fim do dia eram feitas as notas relevantes da entrevista em casa.

A terceira fase consistiu na sistematização e análise dos dados obtidos ao

---

2 Souza Minayo e Sanchez (1993) referem que a análise qualitativa permite interpretar o conteúdo dos discursos ou a fala quotidiana dentro de um quadro de referência, onde a acção objectivada permite ultrapassar a mensagem manifesta e atingir os significados latentes.



longo das entrevistas realizadas durante a fase da pesquisa etnográfica e decorreu entre Outubro de 2010 a Maio de 2011, tendo constituído a fase final da elaboração deste estudo.

O método etnográfico permite que o “investigador participe na vida quotidiana de uma cultura diferente (longínqua ou próxima), observa, e regista e escreve” (Augé e Colleyn, 2004: 73). Recorreu-se ao método etnográfico combinando a visão de identidade das mulheres que fazem sexo com outras mulheres e a visão que existe na literatura sobre identidades sexuais. A partir desta combinação, procurou-se compreender como construíram as suas identidades e que mecanismo que accionam para afirmarem as suas identidades sexuais.

Durante a pesquisa etnográfica trabalhei com duas categorias de mulheres. Uma parte eram jogadoras de futebol profissional e a outra de mulheres activistas da Associação Lambda que também praticam o futebol na cidade de Maputo. Estas mulheres foram encontradas a partir de um ponto focal que é uma mulher que mantém relações sexuais com outras mulheres, e a partir dela encontrei outras mulheres com as mesmas práticas. Esta pesquisa etnográfica esteve aliada à observação directa participante, onde efectuaram-se algumas conversas informais e entrevistas semi-estruturas. Aliado à observação directa (participante), o estudo foi realizado com aquelas mulheres que aceitaram de livre vontade participar do mesmo. Este tipo de entrevistas permitiu que os entrevistados falassem livremente sobre as suas trajectórias sexuais com destaque para os momentos da sua infância na família, da entrada para escola e a sua relação com os outros e outras com particular destaque para o ensino secundário e aderência redes sociais. Esta forma de proceder permitiu compreender os processos de construção e afirmação das identidades entre estas mulheres.

As conversas foram levadas a cabo com recurso à língua portuguesa porque as informantes se sentiam mais confortáveis para conversar na língua portuguesa, embora falassem outra língua local que é o changana. Para o registo destas entrevistas recorri ao caderno de notas, algumas vezes com recurso ao telemóvel onde registei aspectos importantes e no mesmo gravava algumas partes da conversa. Todavia, como foi acima mencionado, recorri muitas vezes as conversas informais e só anotava ao fim do dia.

## **A descoberta da diferença**

### **Descobrimo-se uma “Maria-rapaz”: entre brincadeiras e maneiras de vestir**

Neste capítulo, “maria rapaz” refere-se à denominação que se usa em referência ao traje que algumas mulheres vestem, socialmente concebido para “homens” e pelo facto de praticarem do futebol e neste estudo analisa-se mulheres vestem-se de roupas socialmente concebidas para “homens” que foram e são chamadas “maria-rapaz”. Assim, exploram-se algumas experiências de vida destas mulheres. Num primeiro momento, faz-se uma descrição sobre o tipo de brincadeiras, sobre as maneiras de vestir característica que constituem um dos aspectos que criou a diferença entre estas mulheres e outras meninas durante a sua infância.

A afirmação de identidades sexuais destas mulheres é um processo que começa desde a infância. Se estas mulheres afirmam agora as suas identidades sexuais, antes não afirmavam, elas não se sentiam confortáveis com o que lhes era imposto, nomeadamente: o tipo de brincadeiras, o tipo de roupa que deviam vestir. Por outro lado, mostram que desde criança jogaram futebol nos seus bairros com outros rapazes mas na escola muitas vezes não tinham oportunidade de praticar porque as modalidades eram divididas entre rapazes e raparigas.

Em alguns casos quando se encontravam nas brincadeiras com outras meninas como é o caso de “tchotchou<sup>3</sup>”, uma brincadeira na qual as meninas desempenham o papel de “mãe” e os rapazes de “pai”, estas invertiam os papéis porque se sentiam confortáveis desempenhando o papel de meninos. O mesmo se aplicava quando se tratava de brincar “chitchuketa<sup>4</sup>”, a brincadeira de saltar a corda, muitas vezes elas preferiam ficar com os rapazes a jogar a bola. Várias vezes aconteciam casos deste género em que as brincadeiras eram divididas entre meninas e meninos e por sua vez, e estas mulheres situavam-se no lado das brincadeiras que eram desempenhadas pelos meninos.

---

3 Na língua portuguesa denomina-se “brincadeira de escondidinhas”.

4 Um tipo de dança em jeito de brincadeira, geralmente entre meninas, na qual enrola-se a capulana a volta da bacia e é acompanhada ao ritmo de canto e palmas.

---

*Se já brinquei com meninas era uma coisa de sair para brincar escondidinhas. Quando as meninas brincavam chitchuketa... eu não gostava, eu gostava de jogar xindire, bola com homens e me chamavam “Maria-rapaz” (Jogadora de Futebol, 22 anos. Esta tem um grande apoio da sua família que gosta de vê-la a progredir na sua carreira e seus irmãos conhecem sua namorada e dão todo apoio).*

Tal como acontecia no tipo de brincadeiras que elas tinha preferência e se sentiam confortáveis, o mesmo acontecia no tipo de vestuário que elas preferiam vestir. Estas mulheres têm uma maneira específica de vestir, que regra geral se difere do modo comum que as mulheres se vestem. Desde a sua infância elas gostam de vestir calças largas, calções largos e camisetas. As preferências de algumas destas mulheres eram por roupas “masculinizadas”, isto é socialmente concebidas para rapazes. Ora, estas mulheres viviam em casa com a sua família e seus parentes, que muitas vezes compravam e obrigavam a vestirem saias, blusas. Este aspecto da convivência familiar criava alguns choques entre o que as informantes se sentiam mais confortáveis e aquilo que a família impunha que vestissem enquanto “meninas”.

O facto de a família estar baseada na visão de que as meninas têm que se vestir de uma forma “feminizada” entrava em choque com os desejos destas mulheres (que nessa altura eram crianças) sobre a forma como deviam se vestir. Este aspecto gerou um conflito entre os pais e as filhas, mas passado algum tempo, elas referem que os seus pais foram aderindo a sua forma e desejo de vestir como algo da idade e que com o tempo mudaria, por um lado. Por outro lado, os pais aceitavam como uma forma de incentivá-las para a escola, e assim, os pais aderiram ao tipo de indumentária das suas filhas porque algumas vezes choravam para irem a escola trajadas de saia.

No início da ida a escola, no ensino primário, há uma exigência de uniforme nas escolas. Os pais quando iam ao alfaiate/modista pediam para estes produzirem uma saia e blusa para suas filhas. Quando traziam para casa estas mulheres se recusavam a usar saias, obrigando seus pais a fazer outro uniforme que devia ter uma calças. Este facto criou um hábito no seio dos pais de fazerem sempre a mesma forma do uniforme para que suas filhas não desistissem da escola.

*Desde a minha infância eu sempre me vesti assim....Calções abertos, camisetas. Quanto ao uniforme, minha mãe tentou fazer uma saia e eu não pus e mandei fazer calça de estilo homem. Coisa feminina não aceitava, ponho roupa masculina ou unisexo. (Activista de pares, 25 anos, esta vive com sua família e tem um bom relacionamento com a sua família e os seus pais e irmãos conhecem e apoiam a sua orientação sexual).*

Tal como refere Silva (2008: 8) analisando um grupo de travestis, nas aulas de educação física, momentos em que são testadas as habilidades dos corpos, “a divisão clássica das modalidades desportivas é realizada através da polarização entre meninas e meninos. Este momento constitui uma grande angústia e aflicção”.

Para o caso das mulheres em estudo, as aulas de educação física começam com a entrada para o segundo ciclo (6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> classes) no ensino primário. Durante estas aulas há uma separação na prática de modalidades desportivas entre meninos e meninas, sendo que normalmente para as meninas estavam dedicadas as práticas de modalidades como voleibol e para os meninos o futebol. Como acontece no caso referido por Silva (2008), para as meninas era dedicada a prática de voleibol e para os meninos a prática de futebol. Entretanto, estas mulheres começaram a prática do futebol nos bairros onde cresceram, onde jogavam ao lado de meninos, uma vez que, poucas vezes brincavam muito com outras meninas. Este facto criava um certo desconforto nelas porque eram divididas em função do seu sexo e não do vontade dos alunos para praticarem as modalidades desportivas.

As primeiras amizades e inícios de namoro começam ainda no ensino primário do segundo ciclo em conheceram outras meninas que em jeito de brincadeiras trocavam alguns carinhos e tocavam amizade. Só com a entrada para o nível secundário é que começa a aparecer relações amorosas entre estas meninas e assim conhecem também outras mulheres. A entrada ao ensino secundário permitiu que estas mulheres alargassem as suas redes de influência e conhecessem outras meninas com características que se assemelhassem as suas.

É particularmente nesta fase de ensino que a prática do futebol se alargou para outros níveis como por exemplo jogar num clube de futebol nos di-

ferentes escalões dos clubes. A escola secundária trouxe outra dinâmica a estas mulheres que para além de conhecer outras mulheres e criarem mais relações de amizade.

Como se pode notar, este grupo de mulheres mostra que desde a infância teve gosto pelas brincadeiras consideradas “masculinas” como jogar futebol. A sua maneira de vestir também era tendencialmente “masculina” embora certas vezes criassem conflitos com os seus pais. Apesar de gostarem de roupas vistas como “masculinas”, estas não deixam de serem mulheres, somente tem um estilo de vida que lhes é característico.

Depois, chegou a fase de escola no fim do ensino primário e a entrada para o ensino secundário que aos poucos foram criando suas redes de amizade com outras mulheres e igualmente partilhavam experiências de vida como veremos no capítulo que se segue.

### **Encontrando outras “Maria-rapaz”: criação de redes sociais**

Neste capítulo explora-se a forma como foram criadas as redes sociais a partir da escola, dos campos de futebol, em discotecas e as em festas que estas mulheres normalmente frequentam que são organizadas pela Lambda. E por fim apresentam-se as práticas sexuais que estas mulheres têm com as outras mulheres.

Pensando como Martins (2008: 12) “existem concepções de redes sociais que dão ênfase as estratégias individuais dos actores sociais na construção de laços fortes, estratégias vistas como indispensáveis para que o indivíduo possa fazer face à situações adversas”. Nesta óptica, a noção de rede social reflecte uma acção estratégica de um indivíduo ou grupo com o fim de sobrevivência no meio social.

A pertença a uma rede social por parte deste grupo de mulheres constitui uma forma de se agregar mulheres e homens que vivem uma situação que normalmente é discriminada. É por causa desta discriminação que surge esta rede social como forma de congregar um grupo de pessoas que aparentemente sofrem dos mesmos problemas no meio social. A seguir traça-se o historial destas mulheres desde os meios que frequentavam até criarem uma rede social que alberga este grupo de mulheres.

Começando pela escola no ensino secundário do primeiro ciclo (entre a 8ª e

10ª classes), pela prática do futebol, possibilitaram que se alargassem as suas redes de influência no seio destas mulheres. Para além destes dois espaços, encontram-se a frequência a locais de diversão como as festas que são realizadas para o grupo de minorias sexuais que se denomina LGBTT<sup>5</sup> e a ida a discotecas pela noite.

Como foi outrora referido, estas mulheres do nosso estudo que fazem sexo com outras mulheres alargam as suas redes de amizade a partir do ensino secundário. Neste no ensino estas mulheres conheceram outras mulheres com aparências físicas e até comportamentais idênticas. Este facto permitiu que se reconhecessem umas das outras através partilhando suas experiências de vida. Para além da sua indumentária, elas encontravam-se no campo de futebol com outras mulheres que foram criando amizade com elas e igualmente partilhavam experiências de vida.

A partir destes espaços (escola e campo de futebol) estas criaram uma rede social que as permitiu partilharem as suas vidas e encontrarem espaços que as congregasse como um grupo específico. A criação destas redes não passava despercebida do meio circundante onde elas se encontravam e em particular a escola, onde alguns professores questionavam a sua forma de se vestirem. Algumas eram tratadas como “Maria – rapaz” entre colegas da escola e mesmo nos seus bairros. Esta denominação é devida ao seu traje e outras vezes ligado à prática do futebol, mas esta rotulação que lhes é atribuída não retira nenhuma qualidade delas enquanto mulheres, constitui um estilo de vida delas que é manifesta através da sua indumentária.

A criação destas redes fundou-se a partir destes eventos acima mencionados e assim foi possível conhecerem uma associação que se dedica a defesa dos direitos das minorias sexuais (homossexuais) denominada “Lambda”. Conforme Marteleto (2005: 73), “as redes sociais designam normalmente não exclusivamente os movimentos fracamente institucionalizados mas é composta por indivíduos, grupos e sua dinâmica está voltada para a perpetuação e consolidação e o desenvolvimento das actividades dos seus membros”.

A aderência a esta associação cria um outro momento da história destas

---

5 Significa grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis.

mulheres quando passam a fazer parte deste movimento que tem um cunho político, isto é, um grupo que luta pelos direitos de homossexuais, tantos homens quanto as mulheres. Como uma forma de alargar esta rede a associação cria eventos como festas “mana`s party” para congregar estes grupos que são denominados como sendo minorias sexuais para perpetuar e consolidar esta rede social. É no contexto movimento político que se passa a reivindicar uma identidade que é produto da orientação sexual destas mulheres e assim, elas se rotulam como “lésbicas”.

A Associação Lambda congrega este diversificado grupo de minorias sexuais realizando diversos eventos para a perpetuação, consolidação e desenvolvimento dos objectivos da mesma. As mulheres que fazem parte do estudo aderiram a esta rede social (movimento) através de outras amigas que convidavam-nas para participarem nas festas e debates organizados pela mesma associação. A partir do momento que começaram a fazer parte deste movimento, este grupo de mulheres passou para um outro momento da sua vida que é a preocupação pelo rótulo que identifica outras mulheres com as mesmas práticas. É neste contexto que elas deixam de ser “Maria-rapaz” e passa para um outro rótulo que é de “lésbicas”. No seio deste movimento a preocupação é a reivindicação do rótulo como uma forma de apelar a uma identidade, como se pode ouvir entre elas “nós as lésbicas” e esta forma de se expressas de que são iguais tem aparentemente o mesmo historial de vida e procuram através de identificação como um grupo reivindicar seus direitos enquanto portadoras de uma orientação sexual, que a sociedade muitas vezes discrimina.

### **O campo de futebol**

A prática de futebol como foi outrora mencionado, começa a ser praticado nos bairros, onde este grupo de mulheres jogava durante as brincadeiras com outros rapazes. Depois de começarem a estudar, continuaram a jogar na escola quando havia oportunidade de jogar durante as aulas de educação física, em alguns casos, quando se tratava de desafios entre turmas, tanto em femininos e masculinos. A prática do desporto começou pelo atletismo para algumas e posteriormente passaram para o futebol.

Os bairros de origem tornam-se uma base para a continuidade da prática de futebol na escola e na entrada para certas equipas que começavam a se interessar por desafios de futebol entre mulheres de diversos bairros da cidade

de Maputo. Este facto possibilitou a entrada de certas mulheres para pequenas equipas de futebol feminino no bairro e outras em clubes de futebol da cidade de Maputo.

Durante a pesquisa etnográfica presenciamos partidas de futebol feminino no bairro da Mafalala no “campinho” durante o período de férias. Para além de irem ao campo para jogar futebol, este grupo de mulheres era acompanhado pelas suas respectivas namoradas. Antes do início do jogo, elas trocavam beijos com as suas parceiras como uma forma de “boa sorte”. As mulheres que não traziam suas namoradas procuravam conquistar as mulheres que estavam no campo a assistir o jogo, usando termos como “olá moça, gramei de ti, o que achas?”. No campo de futebol pelas suas atitudes, elas procuram reivindicar uma identidade, que sob o ponto de vista delas, as pessoas percebem o que está acontecer, só não querem entender!

### **Entre discotecas e festas**

A discoteca é um espaço privilegiado para se auto-identificarem e criarem mais redes de amizade com outras mulheres. Tanto em festas como discotecas permitiram conhecer outras mulheres e também a criarem amizades com outras pessoas que não são necessariamente mulheres, porque é um espaço de diversão mas também pode ser um espaço para encontrar namoradas.

*Conheci uma moça, era lésbica e ela transparecia tudo, eu não dizia nada, simplesmente olhava. Ela chegou a não gostar de mim porque a namorada disse que gostou de mim. Eu me questionava como ela conseguia namorar com outra mulher....Começamos a ir a discoteca e as moças que faziam amizade com ela gostavam de mim. Eu não sabia dizer sim ou não, mas depois de dois meses aceitei namorar com uma moça mas eu fugia dela. Depois da primeira moça todo mundo aparecia e dias depois comecei a namorar com uma moça do quarto, a moça de baixo do prédio e uma moça do alto-maé. (Activista da Lambda, 30 anos, é uma mulher trabalhadora e que custeia algumas despesas da sua família que está fora da província, tem uma relação conjugal estável e nos momentos livres gosta de assistir uma partida de futebol e*



sair para tomar um sorvete com sua namorada).

As discotecas são um espaço para criar novas amizades e para conhecer mulheres para namorar, assim como as festas organizadas pela Associação Lambda criam um espaço de abertura, onde a sua orientação sexual é manifestada livremente sem discriminação e preconceito. Muitas das informantes encontram nestes espaços, um momento para namorar e beijar outra mulher sem medo e nem receio porque todo mundo sabe o que está a acontecer, estas podem ser um espaço para conhecer outras mulheres:

*Conheci a minha actual namorada na festa de um amigo na rua d'arte e começamos a nos conhecer depois da festa. Uma vez, eu estava na discoteca, uma moça veio ter comigo e disse que queria namorar mas eu neguei. Outra vez, eu estava numa festa organizada pela Lambda "mannas party" e uma moça veio me beijar no palco e estava com o namorado dela....O namorado zangou quando viu aquilo e veio buscar a moça. (Activista da Lambda,30 anos).*

As festas, o campo de futebol e as discotecas tem sido espaços que estas mulheres encontram para se divertirem, conversarem com outras pessoas não só mulheres, homens que queiram ser somente amigos para "bater papo". Estes espaços de convívio proporcionam um momento de expressão de seus desejos, suas expectativas e suas formas de identificação ligadas a sua orientação sexual. Estes espaços constituem um local onde as identidades de forma implícita ou explícita são trazidas para o espaço público. Um dos aspectos de realce entre este grupo de mulheres são as suas práticas sexuais, em que estas têm relações sexuais-afectivas e amorosas com outras mulheres que vestem saias e pintam batom, com características "efeminizadas".

### **Práticas sexuais entre mulheres? Desenvolvimento das relações amorosas entre mulheres**

O relato sobre as práticas sexuais entre estas mulheres regra geral mostra que começaram a manter relações sexuais entre os 16 anos e 18 anos. Contudo, entre elas há relatos daquelas que começaram a manter relações sexuais ainda criança com as pessoas mais próximas de si como primas.

No seio deste grupo de mulheres encontramos por um lado, uma parte

---

daquelas que nunca mantiveram relações sexuais com indivíduos do sexo oposto (homens), sempre se relacionaram com outras mulheres e situam-se entre os 20 – 25 anos de idade. Elas afirmam que desde criança começaram a se interessar por outras meninas no seu bairro e na escola. Por outro lado, encontramos aquelas que tiveram um longo historial de relações amorosas e sexuais com indivíduos de sexo oposto (homens) e em alguns casos culminou numa gravidez e hoje elas tem filhos. Na sua história de relações com homens algumas tiveram relacionamentos que duraram entre um a três anos de namoro. É um grupo de mulheres relativamente mais velhas em relação as mulheres acima mencionadas e situam-se entre os 26 – 35 anos de idade. Actualmente, tanto as mulheres que tiveram relações sexuais quanto aquelas que nunca mantiveram relações sexuais com homens, encontram-se em relacionamentos afectivos e amorosos com outras mulheres.

Para falar de práticas sexuais, elas apresentam-nas de uma forma tímida, uma vez que, referem que este é um assunto privado e de sua intimidade. No entanto, referem que as suas práticas sexuais não diferem das práticas comuns que existem entre namorados de sexos opostos. Segundo Fry & MacRae (1982: 106) muitas vezes o vínculo afectivo que é considerado mais importante, ou então o contacto sexual pode ser uma questão de carícias feitas em várias regiões do corpo do que um contacto voltado essencialmente para os órgãos genitais.

*Nas minhas práticas sexuais eu faço carícias, sexo oral e troco beijos. Poucas mulheres penetram e usam vibrador.....Por acaso já usei vibrador, só que normalmente lésbicas não usam porque aqui não se vende vibrador, só na África do Sul. Se usei o vibrador foi graças a uma amiga que comprou. o vibrador é como pénis... (jogadora de futebol, 22 anos. Esta tem um grande apoio da sua família que gosta de vê-la a progredir na sua carreira e seus irmãos conhecem sua namorada e dão todo apoio).*

Nas práticas sexuais nota-se um discurso que apela ao papel de género. Neste discurso referem que nas suas relações existe aquela que desempenha o papel de “macho” e a passiva de “fêmea” e deve obediência a sua namorada. As namoradas são na sua maior parte bissexuais, relaciona-se não só com este grupo de mulheres como também com homens, e em muito casos estas namoram simultaneamente com ambos (com um homem que é apresen-

tado em casa e as escondidas com outra mulher). Neste caso, o grupo de mulheres em estudo apresenta-se como sendo aquele de mulheres que tem desempenhado o papel de “macho” e as suas namoradas o papel de “fêmea”.

*Eu sou a activa na relação e minha namorada passiva, mas do que isso, eu não gosto que me pegue como mulher, porque eu não me sinto assim. Não aceito usar o vibrador para nossa relação sexual nem para ela e muito menos para mim. Mas não é só isso, a quem se sente mais para isto e outro para lá. A minha namorada tem que por verniz e saias mas eu não ponho saia de forma alguma, somente em cerimónias familiares, mas em curto tempo (Activista de HIV, 21 anos. Esta passa maior parte de seu tempo fazendo educação de pares na sensibilização do risco de infecção pelo HIV, e nos seus tempos livres gosta de ficar em casa com sua família).*

As práticas sexuais constituem uma forma de expressarem as suas identidades sexuais. Para elas manter relações sexuais com outras mulheres contribui para a formação da sua identidade sexual. Um das formas que elas apresentam é o facto de referirem que se não tivesse relações sexuais com outras mulheres não existiria razões para se afirmarem como “lésbicas”.

*Manter relações com outras mulheres é o que me faz ser o que eu sou. As relações sexuais fortificam a minha identidade. As relações sexuais servem para aliviar o stress mas não são a base. Durante muito tempo beijei sem manter relações sexuais, dormia com a minha namorada só a beijar sem fazer sexo (jogadora de futebol, 22 anos).*

Outras mostram que as práticas sexuais servem para aliviar o stress e o seu desejo sexual:

*As práticas sexuais constituem algo que nós sentimos dentro de nós, algo mais forte que sinto dentro de mim, que induz a ir as mulheres. As relações sexuais têm a ver com a satisfação que me faz atingir o meu orgasmo. As práticas sexuais contribuem muito para a minha identificação, se não sentisse algo forte não identificava assim. As*

*minhas relações sexuais têm muita influência na minha identidade* (jogadora de futebol, 32 anos. Esta sempre foi apaixonada pelo futebol, tem uma família que a respeita muito e a apoia nas suas opiniões).

Este grupo de mulheres mostram que as práticas sexuais são importantes na sua vida porque o facto de praticarem relações sexuais com outras mulheres é uma das razões que as fez se identificar como “lésbicas”. A prática de relações sexuais com outras mulheres é um facto que concorre para cristalização de suas identidades sexuais como veremos no capítulo seguinte, o qual passam do rótulo de “maria-rapaz” para uma identidade social do grupo – “lésbicas”.

### **De “Maria-rapaz” à lésbicas: afirmação de identidades sexuais de mulheres que fazem sexo com outras mulheres**

Neste capítulo explora-se a forma como este grupo de mulheres acciona mecanismos para afirmação de suas identidades sexuais. Para tal, começa-se por descrever a sua indumentária e depois mostra-se como a partir da sua orientação sexual elas assumem as suas identidades sexuais para os outros.

Estas mulheres apresentam uma característica comum entre elas: mantém relações amorosas, afectivas e sexuais com outras mulheres, tem um estilo próprio de vestir e gostam do desporto. Estas normalmente vestem calças jeans largas e camisetas (t-shirt) e algumas vezes um fato quando se trata de ir a cerimónias como casamento, ir ao funeral entre outros. As vestes são marcadamente “masculinizadas”, isto é, vestem roupas vistas como pré - concebidas para indivíduos do sexo masculino, e raras vezes vestem-se de saia. Algumas vestiram saias quando crianças por obrigação dos seus pais mas dizem que não se sentiam confortáveis nesse traje.

Para elas a maneira de vestir é uma forma de criar uma identidade. A forma de vestir significa um meio de espelhar a sua identidade de forma implícita nas pessoas. O seu estilo de vida se confunde com a de “homens” tanto nas indumentária sua forma de se expressarem verbalmente que tende a ter um tom “masculinizado”, todavia, este aspecto não as retira o facto de serem mulheres como qualquer outra mulher.

*A minha maneira de vestir, o meu comportamento...sou uma pessoa que chaga a ser homem demais. Até hoje estou feminina....eu tenho fato (casaco e gravata). Isto cria curiosidade para as pessoas. A pessoa vai conhecer pela minha forma de ser (jogadora de futebol, 32 anos).*

Difícilmente assumem as suas identidades diante das pessoas verbalmente. As suas identidades sexuais são expressas por um conjunto de formas pelas quais elas se apresentam. A forma de vestir, a grande afinidade pelo desporto, particularmente o futebol, são meios que usam expressar a sua identidade.

Em relação a sua sexualidade somente conversam são os seus amigos próximos e alguns familiares de confiança como primos, irmãos e nunca para os seus pais, estes acabam entendendo através da frequência de amizades que estas apresentam. A razão de não falarem para os seus pais é que elas pensam que os seus pais de alguma forma entendem o que está acontecer com as suas filhas mas fingem que não percebem nada. Por outro lado, afirmam que assumir a sua orientação sexual destas diante dos seus pais pode constituir uma decepção para eles e pode culminar com um desentendimento com seus pais, uma vez que, a sociedade em que vivem é conduzida por um conjunto de valores heteronormativos.

*Eu falo da minha sexualidade com os meus amigos e já falei só com minha irmã. Eu digo que sou lésbica porque já é difícil para dizer as pessoas que sou transgênero<sup>6</sup>, as pessoas estão habituadas a ouvir que existem lésbicas. Até com alguns amigos eu não falava que era, mas só de olhar para mim já percebiam (30 anos).*

Outras somente afirmam as suas identidades de acordo com o meio onde se encontram:

*Para mostrar o que eu sou dependo do ambiente. Quando estamos na discoteca, as vezes numa conversa, porque não tenho vergonha daquilo que eu sou. Nas conversas eu digo não tenho damo, as pessoas perguntam não tens*

---

6 Segundo esta mulher este termo significa que ela sente algo que lhe incomoda no corpo como mulher que ela não gostaria de ter tido – os seios.

*namorado? E os que me perguntam eu digo se não vão deixar de conversar comigo? Aí eu digo sou lésbica e espero não te incomode. Eu não sei se meus pais afirmam que eu sou lésbica...até um dia meu pai me viu a beijar uma moça, ele virou as costas e voltou... Eu nunca falei aos meus pais mas já falei para meus irmãos e minha irmã. Eu não preciso de contar (Jogadora de futebol, 22 anos).*

Outras ainda mostram ser difícil falar acerca da sua sexualidade no meio familiar, particularmente com os seus pais:

*Na minha família no princípio foi difícil. Para eles não soava a ideia de ficar com uma mulher. Minha mãe compreendeu e fez compreender ao meu pai. Hoje tenho uma relação saudável com a minha família. Em nenhum momento sentei com a minha família para dizer que eu sou lésbica, eu ensino as pessoas a conhecer o meu lado (Jogadora de futebol, 32 anos).*

Pela sua forma de vestir e de se comportarem muitas pessoas em jeito de brincadeira tratam-nas de “Maria-rapaz” por serem mulheres mas que se vestem como homens e fazem tudo que supostamente só os homens podem fazer, como a aptidão que tem pelo futebol. Os locais de diversão que foram mencionados nos capítulos anteriores mostram que estas mulheres encontram naqueles espaços um ambiente para expressarem e apresentarem a sua identidade sexual.

### **Considerações finais**

Neste estudo concluiu-se que as mulheres que fazem sexo com outras mulheres passaram por um processo longo de construção e afirmação de suas identidades sexuais. A afirmação das suas identidades pode-se manifestar através da sua indumentária, das suas relações afectivo-amorosas e sexuais com outras mulheres e em outros momentos pela prática do desporto, particularmente o futebol para o caso do grupo em análise.

Estas mulheres desde a infância mostraram-se diferente perante as outras meninas a partir do tipo de brincadeiras que tinham preferências, o tipo de roupas que trajavam e o gosto pela prática de futebol. Nas brincadeiras de que participavam sempre procuravam desempenhar os papéis socialmente

concebidos como “masculinos”.

Com a entrada a escola elas alargaram as suas redes de amizades e encontraram amigas que tinham características comuns e partilhavam as suas experiências de vida. As conversas com outras meninas chegaram também aos campos de futebol onde se encontravam em grupos com outras meninas. Foi a partir destas amizades que as suas redes sociais se alargaram e conheceram a Associação que trabalha com grupos considerados “minorias sexuais”, uma instituição que realiza eventos que procuram perpetuar, consolidar e desenvolver esta rede para que possam viver plenamente os seus direitos humanos, que são iguais para todos.

Estas mulheres afirmam as suas identidades a partir de três elementos, nomeadamente: a sua indumentária, as suas práticas sexuais e a prática de futebol. A forma de vestir destas mulheres no seu dia-a-dia significa uma forma de reivindicar uma identidade, um estilo de vida, enquanto as suas práticas sexuais jogam um papel igualmente relevante porque lhes permite se identificarem de igual forma que as outras mulheres com as mesmas práticas sexuais se identificam, isto é, são as práticas sexuais que as trazem a ideias de “nós as lésbicas” que é apelo a uma identidade colectiva entre mulheres com estas práticas sexuais, e igualmente acontece com a prática de futebol que é um desporto que é maioritariamente praticado por indivíduos do sexo masculino. Nestas mulheres o futebol aparece como um elemento que as liga a sua forma de se vestir e a forma como querem ser vistas na sociedade.

Estas mulheres construíram as suas identidades ao longo do tempo, desde o momento que eram chamadas de “Maria-rapaz”, ao momento que se pensavam “Maria-rapaz” e até ao momento que encontram outras “Maria-rapaz”, criam uma rede e passam a fazer parte de um movimento político de luta pelos direitos das minorias sexuais e passam a reivindicar uma identidade sexual que é decorrente da sua orientação sexual, a de “lésbicas”. Isto permite concluir que as suas identidades sexuais foram construídas ao longo do tempo e são afirmadas de múltiplas formas. A questão de práticas sexuais está ligada ao afecto que existe entre estas e suas parceiras e como corolário disso na sua relação afectivo-amorosa pode acontecer o sexo entre ambas. Contudo, é importante realçar que este é apenas um grupo de mulheres que se afirmam “lésbicas”, sendo que existem muitas mulheres que adoptam este estilo de vida desde a indumentária, a prática do desporto mas não são e nem se consideram lésbicas.

## Bibliografia

Aquino, Luís Octávio R. 1992. “Discurso lésbico e construções de gênero”. Horizonte. XVIII Reunião da ABA. GT Experiências e Memória - *Os usos do conceito de gênero*. Minas Gerais.

Augé, Marc & Colleyn, Jean-Paul. 2004. *A Antropologia*. Edições 70. Lisboa: Perspectivas do homem 56.

Bagnol, Brigitte. 1996. *Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula*. Maputo: Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo.

Barbosa, Regina Maria & Koyama, Mitti Ayako Hara. 2006. “Mulheres que fazem sexo com mulheres: algumas estimativas para o Brasil”. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(7):1511-1514.

Batalha, Luís. 2005. *Antropologia: uma perspectiva holística*. FCT. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Benedetti, Marcos. 2010. “Sexualidade e Gênero.” In: *Manual de formadores para Geração Biz*.

Bill, Pereira. 2007. *A identidade homossexual masculina: o consumo como forma de enfrentamento e resistência*. XIII Congresso brasileiro de Sociologia - EBAPE.

Costa, Rogério da Silva Martins. 2002. *Homossexualidade: um conceito preso ao tempo*. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art06\\_costa.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art06_costa.pdf). Consultado no dia 15 de Junho de 2010.

Costa, Rogério. 2005. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência colectiva*. Interface – comum, saúde, educ, v. 9, nº 17, 235 – 248.

Foucault, Michel. 1998. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Fry, Peter. 1982. *Para Inglês ver – Identidade e política na cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Gil, António Carlos. 2009. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Edição. São Paulo:

Editora atlas.

Heilborn, Maria Luiza. 1995. “Ser ou estar homossexual”. In: Parker, R. & Barbosa, R (eds). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Garamond.

Heilborn, Maria Luiza & Brandão, Elaine Reis. 1999. “Introdução: Ciências Sociais



e Sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Lambda, PSI & Pathfinder. 2010. *Estudo sobre Vulnerabilidade e Risco de Infecção pelo HIV entre homens que fazem sexo com outros homens na cidade de Maputo*, 1ª edição. Maputo.

Lomando, Eduardo. 2008. *Conjugalidade gay e lésbica e rede de apoio social*. Mesurado em Psicologia Social. Faculdade de psicologia. Porto Alegre: Pontifica Universidade de Rio Grande do Sul.

Louro, Guacira Lopes. 2000. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Louro, Guacira Lopes. 2001. “Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação”. *Revista de Estudos feministas* 9 (2):541-553.

Marteleto, Regina Maria. 2001. *Análise das redes sociais – aplicação nos estudos de transferências de informação*. V.3, nº 1, Brasília. 71 – 81.

Melo, Maria Aparecida. 2003. *A formação de uma identidade sexual*. Disponível em: <http://www.psicologado.com/.../sexualidade/a-formacao-de-uma-identidade-sexual> Consultado no dia 15 de Junho de 2010.

Murray, Stephen & Roscoe, Will. 1998. “Diversity and Identity - The challenge of African Homosexuality”. In: *Boy-wives and female-husbands: studies in African homosexualities*. New York: St Martins Press.

Neves, J. 1996. “Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades”. *CADERNOS DE PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO*. São Paulo. Volume 1, Nº 3.

Oliveira, Gláucia da Silva. 2010. “Construção, negociação e desconstrução de identidades: o movimento homossexual LGBT”. *Cadernos Pagu* (34) 373 – 381.

Parker, Richard. 2000. “Cultura, economia política e construção social da sexualidade”. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva.

Pereira, Henrique & Leal, Isabel Pereira. 2005. *A identidade (homo) sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde*. *Análise Psicológica*, 3 (XXIII): 315-322.

Pina Cabral, João de. 2003. *Identidades inseridas: algumas divagações sobre identidade, emoção e ética*. Working papers. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Lisboa.

Quivy, Raymond e Campenhoutd, Luc Van. 2008. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5ª edição. Lisboa. Gradiva.

Silva, Joseli Maria. 2008. *A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade*.

X Colóquio Internacional de Geocrítica. Barcelona.

Simões, Júlio Assis. 2003. "Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais". In: *Novas Interfaces da Homossexualidade*. Departamento de Antropologia, USP. Disponível em: [http:// www.pagu.unicamp.br/files/pdf/julio04.pdf](http://www.pagu.unicamp.br/files/pdf/julio04.pdf) Consultado no dia 21 de Junho de 2010.

Sousa Filho, Alípio. 2009. *A política do conceito: subversiva ou conservadora? - Crítica à essencialização do conceito de orientação sexual*. Bagoas 3, N° 4, 59-77.

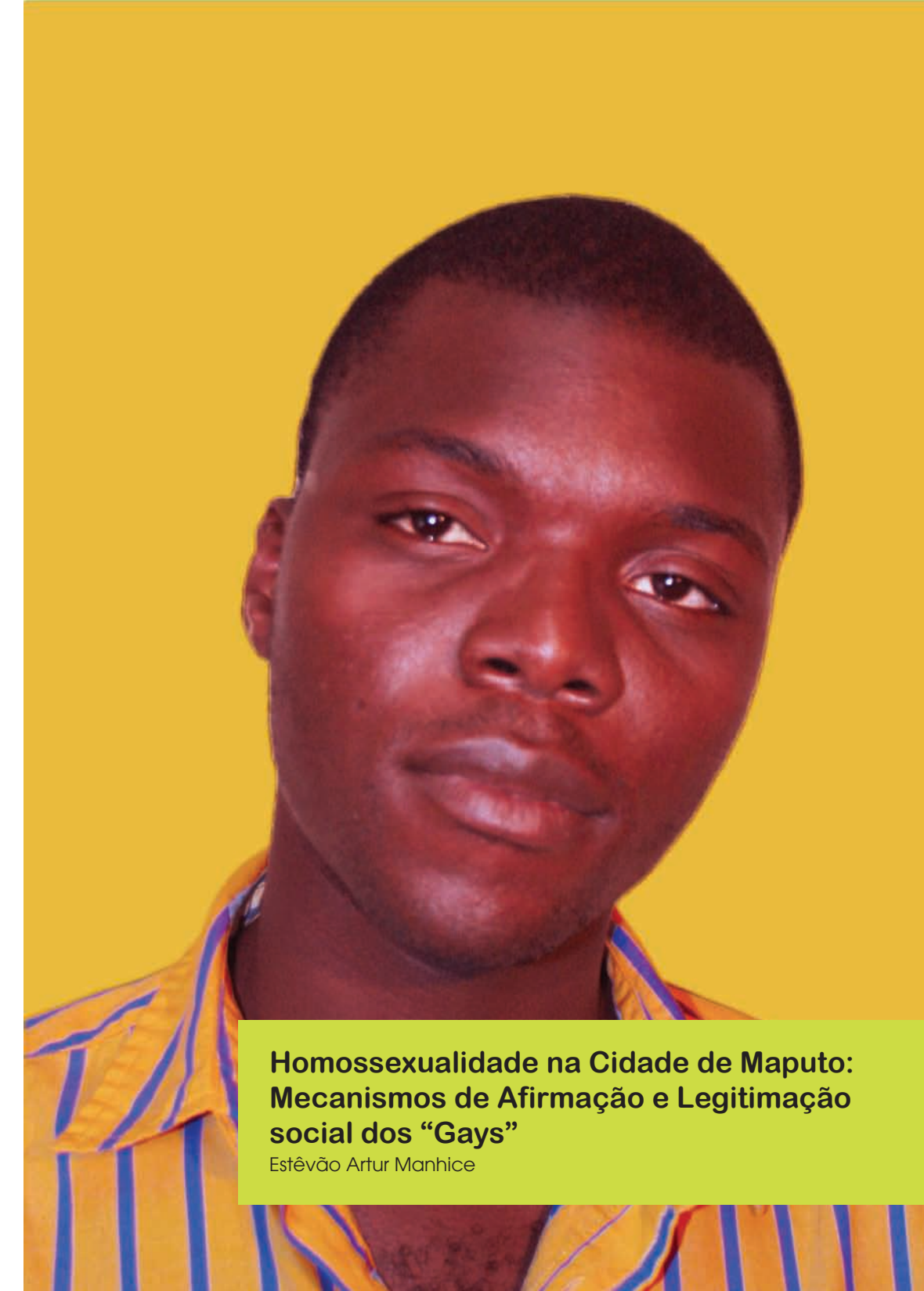
Souza Minayo, M. C & Sanchez, Odécio. 1993. "Quantitativo- qualitativo: Oposição ou complementaridade?" *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3): 239-262.

Vance, Carol. 1995. *Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. In: *Physis- Revista de Saúde Colectiva*, UERJ. Volume 5, numero 1. Rio de Janeiro.

Weeks, Jeffrey. 1999. "O corpo e a sexualidade". In: Louro, Guacira Lopes (org), *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autentica, 35-82.



*“ (...) Eu não oculto minha identidade sexual, não tenho medo de me identificar como “gay”, também porque não preciso de apelar a minha identidade sexual (...) as pessoas não perguntam (...) não tem muita relevância (...) também convivo com muita gente que não sabe que eu sou “gay”, não porque eu tenha receio de me identificar mas porque não há necessidade, não sinto necessidade de me identificar a partir da minha orientação sexual (...), não tenho medo de me identificar como gay, sou crescido e responsável pelos meus actos (...) discriminação, preconceito, são coisas que toda a sociedade tem, não só com os “gays” mas com outro tipo de pessoas, portanto é preciso saber conviver com isso se na verdade se quer assumir uma postura e uma identidade “gay” (...)”* 30 Anos, Estudante Universitário



**Homossexualidade na Cidade de Maputo:  
Mecanismos de Afirmação e Legitimação  
social dos “Gays”**

Estêvão Artur Manhice



## **Homossexualidade na Cidade de Maputo: Mecanismos de Afirmação e Legitimação social dos “Gays”**

Estêvão Artur Manhice

Alicerçado a uma abordagem qualitativa visando captar as diferentes experiências de vida dos homossexuais «gays», diferentes posicionamentos, similaridades e estratégias adoptadas pelos «gays» de maneira a que sua orientação sexual não represente motivo de exclusão social destes indivíduos dentro do processo da dinâmica social, o estudo procurou aceder aos mecanismos individuais e colectivos accionados por estes indivíduos para a afirmação e legitimação social da sua identidade sexual.

A partir dos objectivos de estudos previamente identificados, a presente análise procurou a partir das atitudes e comportamentos quotidianos dos «gays», traçar as suas trajectórias sexuais, identificando os posicionamentos individuais e colectivos accionados e manipulados por estes indivíduos e a forma de reconhecimento da sua identidade sexual a partir da sua orientação sexual, descrevendo as dinâmicas da sua identidade sexual. O estudo foi realizado com homens que têm desejos sexuais e de afectividade por outros homens, que apelidam-se «gays», isto é, assumem uma identidade pessoal/social específica relativamente à sua sexualidade, auto-identificam-se como «gays» e procuram afirmar e legitimar a sua identidade sexual usando uma multiplicidade de formas e nunca descurando de que embora a sexualidade seja concebida como um assunto de fórum privado, encontram-se num contexto fortemente marcado pelo controlo e regulação de certas práticas ligadas à sexualidade, onde escapar ao padrão de normalidade imposto pela sociedade é uma tarefa árdua que requer determinação e coragem, porque a fuga traz como consequência actos punitivos, e nesse caso a punição vem sob forma de preconceito, de exclusão e de marginalização de todas as pessoas que assim se comportam. A presente análise mostra também os diferentes locais de sociabilidade usados pelos «gays» para o seu convívio.

**Palavras-chave:** Homossexualidade, Gays, Identidade Sexual.

## Introdução

Enquadrado no campo de estudos e análise de fenómenos ligados a sexualidade, em particular à homossexualidade, a presente análise encontra sua relevância pelo facto de embora diferentes estudiosos<sup>7</sup> escreverem sobre a sexualidade, dando seu contributo para enriquecer o debate, o questionamento, a análise e compreensão dos fenómenos ligados a sexualidade humana como um espaço de diversidades, multiplicidades, complexidades e conflitualidades, em Moçambique em particular, a questão dos estudos relacionados a sexualidade humana encontrarem-se ainda pouco estudados, explorados e documentados. Neste cenário, poucos são os estudos ligados questões específicas da homossexualidade, suas dinâmicas e realidades.

Este estudo procura contribuir em parte para a análise e debate necessários ao tema, ambicionando desta modo desenvolver o estudo de um assunto que apenas recentemente vem ganhando visibilidade, e que paulatinamente procura ultrapassar o silêncio convincente do indiferente. Para a Antropologia, este fenómeno da homossexualidade ganha sua pertinência de estudo pelo facto dela se interessar pelo estudo e compreensão do diferente, dos diferentes posicionamentos e visões que os indivíduos têm sobre os fenómenos, sobre a realidade, sobre a sociedade e sobre o mundo. A Antropologia busca investigar, compreender e, sobretudo, respeitar e considerar aquilo que é tido como diferente, distinto, em uma dada sociedade. Busca considerar as pluralidades sem emitir julgamentos de valor.

O presente estudo analisa os Mecanismos de afirmação e legitimação social dos «gays», onde se procuram descrever, analisar e compreender os mecanismos individuais e colectivos accionados pelos «gays» no quotidiano das suas interacções sociais e, a forma como estes mecanismos podem constituir uma base para a sua afirmação e legitimação social.

O estudo procura analisar a forma como os «gays» vivem individual e colectivamente a sua sexualidade, como interagem e como procuram afirmar sua identidade sexual a partir da sua orientação sexual. Relativamente ao contexto de estudo e embora este fenómeno não seja exclusivo e este espaço, importa referir que este desenvolveu-se na Cidade de Maputo, por ser um local que diariamente recebe e congrega indivíduos de diferentes origens

---

7 Bagnol (1996); Foucault (1998); Lambda (2009); Weeks (1999), só para citar alguns.



sociais, com hábitos, costumes, comportamentos e visões de mundo diferentes, também por ser neste local onde encontra-se localizada a associação Lambda8, responsável pela promoção de debates, pela reivindicação de uma legislação que procure salvaguardar os direitos das minorias sexuais, e pela divulgação das suas práticas, tornando este fenómeno cada vez mais visível e se constituindo num campo privilegiado de estudos onde diferentes e importantes questões se cruzam e são debatidas.

O problema de estudo foi construído a partir de contribuições de estudiosos como Ávila, Portela e Ferreira (2005); Foucault (1998), que consideram que o sexo vem sendo historicamente regulado por diferentes instituições como a igreja, a família, o judiciário e a medicina, tendo sido determinado por elas a existência de dois sexos: o homem e a mulher, dois géneros: o masculino e o feminino e uma forma “correcta” de eles se relacionarem, a heterossexualidade.

Deste modo, na perspectiva trazida por Ávila, Portela e Ferreira (2005); Foucault 1998) o sexo, o género<sup>9</sup>, a orientação sexual<sup>10</sup> e as práticas sexuais ficam estabelecidos segundo um determinado “padrão de normalidade”, cujo principal objectivo é tornar as pessoas capazes de perpetuar a espécie humana pela procriação. Para Banditer (1993) a homossexualidade, compreendida enquanto uma relação que envolve pessoas do mesmo sexo homem/homem ou mulher/mulher, se constitui como um modelo anormal de

---

8 A Lambda é uma associação moçambicana de defesa das minorias sexuais que encontra-se localizada na Cidade de Maputo. É uma associação que tem como missão promover a igualdade de direitos cívicos, humanos e legais dos cidadãos LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Intersexuais), através da educação pública, advocacia e diálogo. A Lambda tem como visão uma sociedade moçambicana onde as diversas formas de orientação sexual e identidade de género são reconhecidas pelo Estado, respeitadas pelos cidadãos e protegidas pela lei.

9 O género refere-se às ideias socialmente construídas sobre a feminilidade e a masculinidade. Se o sexo é a diferença biológica entre os corpos de homens e mulheres, o género é concebido como sendo tudo aquilo que social e culturalmente identificamos como sendo masculino ou feminino. Por exemplo, as atitudes e comportamentos, as ideias e pensamentos, os valores morais, as práticas sexuais, as roupas, os papéis sociais considerados adequados à realidade feminina e masculina.

10 «A orientação sexual simplesmente descreve o que uma pessoa acabou gostando em matéria de parceiros sexuais. Uns acabam gostando de pessoas do mesmo sexo, outros de pessoas do sexo oposto, outros de ambos, e, quem sabe, outros de ninguém, ou de outras coisas». (FRY apud CÂMARA, 2002, p. 10).

comportamento. Neste cenário ser homem também passa pela necessidade de mostrar que não se é homossexual, porque ao expor uma maneira de ser e de viver diferente da que é socialmente desejada e aceite, esse homem passa a viver a sua sexualidade na clandestinidade, satisfazendo suas fantasias e desejos sexuais carregados por um complexo de culpa e traição, e envolvidos em um mundo de mistérios, os quais jamais devem ser revelados ao mundo do macho<sup>11</sup>, pois essa revelação conduziria à exclusão deste homem do círculo de normalidade. Nota-se nesta abordagem uma essencialização do comportamento sexual perdendo-se de vista a multiplicidade de comportamentos, atitudes e ações que podem constituir o comportamento sexual.

Por outro lado, num contexto de controlo, regulação, e proibição de certas práticas sexuais, Louro (2000) afirma que “ de um modo geral e salvo raras exceções, o homossexual admitido é aquele que disfarça sua condição e sua orientação sexual. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns indivíduos assumem «outras» identidades ou práticas sexuais que escapam à regulamentação das instituições citadas por Ávila, Portela e Ferreira (2005); Foucault (1998), desde que permaneçam em segredo, experimentadas na clandestinidade e vividas apenas na intimidade. A homossexualidade vista como comportamento anormal, é restringida ao espaço privado.

Na perspectiva de autores como Paim e Bernardes (1997) “ a homossexualidade é visível e incomoda, porque há quem olhe e principalmente quem não queira olhar, ou ainda, quem olhe e não veja. Igualmente, há uma infinidade de olhares nebulosos, sombrios, hostis, desconfiados, preconceituosos, repressivos e medrosos sobre a homossexualidade”. Nesta perspectiva, observa-se uma abordagem moralista sobre a sexualidade, pouco se realçando aspectos ou questões que informam as diferentes formas de orientação afectivo sexual.

Na perspectiva de Sousa Filho (2007), as uniões homossexuais existem de facto e os casais homossexuais constituem hoje, parte da diversidade da família em diversos países”, dos quais Moçambique não é excepção. Na Cidade de Maputo em particular que constitui a área onde se desenvolveu o estudo, o fenómeno da homossexualidade permaneceu de certa forma oculto,

---

<sup>11</sup> Esta expressão é recorrentemente usada no senso comum para se referir ao homem no sentido heterossexual. Quando as pessoas usam a expressão “sou macho” procuram exaltar a sua de virilidade.

porém actualmente ganhou novos contornos e visibilidade, principalmente pela criação da Lambda, uma organização que procura defender os direitos e lutar pelo reconhecimento das minorias sexuais como fora anteriormente referenciado. Alguns estudos sobre o fenómeno da homossexualidade mostram que ele não é recente neste contexto. Como exemplo temos o estudo desenvolvido por Bagnol (1996) que analisa as relações homoeróticas em Moçambique e constata que na região sul do país, concretamente em Maputo, estas práticas já faziam parte do quotidiano dos mineiros moçambicanos que trabalhavam na África do Sul, que devido aos longos períodos de tempo que permaneciam nas minas acabavam mantendo relações sexuais entre eles. Por outro lado a questão da homossexualidade vem ganhando seu espaço devido aos debates e divulgação em programas televisivos, onde se procuram reivindicar uma igualdade de direitos entre homossexuais e heterossexuais onde são desencadeadas acções de luta por uma legitimidade. Este cenário cria condições para que vários indivíduos procurem mecanismos de a partir da sua orientação afectivo sexual assumir a sua identidade sexual no espaço público declarando-se «gays».

Dos estudos realizados a que tivemos acesso, destacam-se o de Bagnol (1996) e o da Lambda (2009). Bagnol (1996:5) no seu diagnóstico de orientação sexual de Maputo e Nampula, postula que “ as minorias sexuais dos quais os gays fazem parte, não assumem a sua identidade sexual homoe-rótica fora dos seus grupos e não têm interesse em que algo se faça para mudar a sua situação. Os grupos operam como meios de socialização das suas atracções e também de protecção”, destacando-se nesta perspectiva, a existência de locais de maior frequência e sociabilidade destes indivíduos. O estudo realizado pela Lambda e pelos seus parceiros têm como foco de estudo questões ligadas a saúde dos homens que fazem sexo com homens (HSH12), analisando a sua vulnerabilidade e o risco de infecção pelo HIV.

Embora a questão sobre a sexualidade em geral e sobre a homossexualidade

---

12 A expressão “Homens que fazem sexo com Homens” busca descrever todos os homens que mantêm relações eróticas e sexuais com outros homens, independentemente de sua identidade sexual. Deste modo, muitas pessoas classificadas como “HSH” não são “gays”, pois estas não se identificam com os elementos próprios do modo de vida dos “gays” como; códigos e linguagem, restringindo-se somente ao acto sexual. Neste sentido, a expressão é ampla, englobando aqueles que se auto-identificam como homossexuais e bissexuais, mas também todos aqueles homens que mantêm, regular ou esporadicamente relações sexuais com outros homens, e que não se identificam com nenhum termo identitário, muitas vezes identificando se como “heterossexuais”.

em particular desperte interesse de diferentes pesquisadores, nota-se na Cidade de Maputo em particular a existência de poucos estudos que exploram questões específicas, práticas relacionadas com o quotidiano destes indivíduos. Nesta perspectiva e dentro do campo de possibilidades que as diferentes instituições sociais acima referenciadas oferecem, pretende-se analisar como é afirmada a identidade «gay» como orientação sexual, procurando desta forma, perceber os mecanismos identitários que estes indivíduos accionam individual e colectivamente no seu quotidiano para a legitimação da sua orientação sexual.

Neste sentido, o trabalho foi conduzido a partir da questão que procurava perceber a forma pela qual as atitudes e comportamentos adoptados pelos «gays» na Cidade de Maputo podem constituir um mecanismo de afirmação e legitimação social da sua orientação afectivo sexual. O presente estudo foi traçado a partir do objectivo geral que procurava analisar os mecanismos e processos de afirmação e legitimação social dos «gays». Como objectivos específicos pretendia-se identificar os posicionamentos individuais e colectivos dos «gays», as formas de reconhecimento e legitimação social da sua orientação afectivo sexual, a descrição das dinâmicas das identidades sexuais no seio deste grupo e as trajectórias individuais de afirmação de uma identidade «gay» e por último a descrição das atitudes e dos comportamentos accionados e manipulados pelos «gays» no quotidiano das suas interacções sociais.

De forma a serem alcançados os objectivos acima expostos, o presente estudo encontra-se sequencialmente estruturado, e através desta sequência procuramos discutir questões específicas que norteiam os objectivos do estudo. Como primeiro capítulo temos a introdução, que é antecedida de questões pré-textuais. Na introdução apresentamos o tema e sua relevância, a formulação do problema de estudo, a delimitação espacial e por último os objectivos gerais e específicos.

A metodologia aparece como o segundo capítulo, e esta por sua vez mostra de forma pormenorizada como se procedeu a recolha de informação e dos dados relevantes para a elaboração do relatório, demonstrando o tipo de pesquisa, o tipo de entrevistas que foram seleccionadas e o método usado para a pesquisa. É ainda no capítulo reservado à metodologia que procurou-se fazer alusão ao universo de estudo, aos instrumentos de observação que foram arrolados à pesquisa. Recorrendo as informações colectadas durante

o trabalho de campo, os capítulos que se seguem constituem o corpo do trabalho e neles, devidamente identificados procurou-se proceder à análise dos temas que discutem, aliada à revisão da literatura efectuada na fase inicial do estudo. Porque o estudo procura identificar os mecanismos de afirmação de legitimação social dos «gays», o quarto capítulo analisa as trajectórias sexuais dos «gays», visto ser um alicerce para toda a análise posterior da discussão, porque ajuda-nos a situar os «gays» enquanto pessoas, homens que num determinado momento de suas vidas sentiram este impulso de se envolverem sexual e afectivamente com outros homens. A partir das histórias de vida o capítulo procura traçar o perfil sexual dos «gays».

O quinto capítulo desta nossa análise mostra-nos através dos diferentes posicionamentos dos nossos informantes como os «gays» movem-se individual e colectivamente para afirmarem a sua identidade sexual, a partir da sua orientação sexual. O sexto capítulo é reservado a uma breve exposição sobre a identidade sexual e mostra as diferentes formas de identificação usadas por outras pessoas para classificar os «gays» e aquelas usadas por eles para se classificarem. O sétimo capítulo procura ilustrar o lado social dos «gays», enquanto sujeitos, enquanto pessoas que se relacionam e convivem com outros homossexuais e com pessoas de outra orientação sexual ou de outra natureza. As considerações finais antecedem a lista de referências consultadas para a realização do estudo.

### **Metodologia**

*“O conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica: o método é o fio condutor para se formular esta articulação.*

*O método tem pois, uma função fundamental, além do seu papel instrumental, é a “própria alma do conteúdo”, como dizia Lenin (1965) e significa o próprio “caminho do pensamento” conforme a expressão de Habermas (1987).” (Minayo e Sanchez 1993:240)*

No estudo em alusão procuramos analisar os mecanismos e processos acionados individual e colectivamente pelos «gays» na Cidade de Maputo para afirmação e legitimação social da sua orientação afectivo sexual.

A principal característica dos sujeitos agrupados na expressão «gays» assenta num aspecto ligado à sexualidade: o desejo de manter relações sexuais e afectivas com pessoas do mesmo sexo. Por ser socialmente considerado

“anormal” como foi referido no capítulo anterior, este comportamento e “preferência” são objecto de forte estigma e preconceito em todas as sociedades, incluindo em Moçambique, marginalizando as necessidades destes grupos minoritários e relegando-os a uma situação de exclusão social, sendo que uma investigação que busca compreender a realidade social deste grupo, não deixa de ter sua importância.

O conceito «gay» nos auxilia a melhor compreender a imagem que as pessoas têm delas mesmas e de seus comportamentos sexuais especialmente em se tratando de sujeitos participantes nesta pesquisa que explicitam e valorizam em suas atitudes o seu comportamento sexual. É importante referir que a expressão «gays» é vista por estes indivíduos como aquela que melhor descreve o seu comportamento e suas práticas sexuais, eles autoproclamam-se «gays», esta é a expressão recorrentemente usada por eles para se classificarem e a preferida para serem classificados, por considerarem como aquela que valoriza a sua orientação sexual.

O carácter exploratório do estudo estimulou que os entrevistados pudessem pensar livremente sobre o tema, fazendo assim emergir aspectos subjectivos como valores morais, posições ideais e normas sociais que fazem parte da visão de mundo de qualquer sujeito social. As técnicas qualitativas de recolha e análise de dados que foram usadas neste estudo valorizam estes aspectos anteriormente mencionados, abrindo espaço para uma diversidade de interpretação dos dados. É importante referir que os relatos aqui seleccionados não são representativos de todos «gays» em Moçambique, revelam apenas alguns aspectos da realidade destes indivíduos que fazem parte da associação Lambda na Cidade de Maputo, não sendo por isso passíveis de generalizações.

Como procedimento metodológico, a elaboração desta pesquisa partiu de uma revisão preliminar da literatura, para dar conta do “estado da arte”, de obras que contém e discutem informações de base sobre o tema em estudo, em que a principal finalidade era a de obter bases teórico conceptuais, sobre a sexualidade em geral e a homossexualidade em particular, com ênfase sobre a literatura que se debruçava do caso de homens que mantém relações afectivo sexuais com outros homens, que nesta pesquisa apelidam-se «gays». A segunda fase do estudo foi caracterizada pelo trabalho de campo com os «gays» da associação Lambda na Cidade de Maputo, e por fim, a terceira fase marcada pela análise de dados, que consistiu na sistematização

dos dados obtidos ao longo das entrevistas realizadas durante o trabalho de campo. Para a realização do presente estudo, foi privilegiada a abordagem qualitativa, visto que se pretendia compreender as significações que os «gays» imputam às suas acções individual e colectivamente, em diferentes meios e espaços sociais da Cidade de Maputo para se afirmarem a partir da sua orientação afectivo sexual e procurarem ser legitimados através da mesma.

Neste sentido, a pesquisa qualitativa foi relevante por permitir na perspectiva de Minayo e Sanchez (1993: 244) “realizar uma aproximação fundamental e de intimidade entre o sujeito e objecto, uma vez que ambos são da mesma natureza”.

No presente estudo afigurava-se importante esta aproximação com os «gays» de modo a captar o verdadeiro sentido que estes indivíduos atribuem à sua conduta. Esta abordagem também responde com empatia aos motivos, às intenções, aos projectos dos actores sociais, a partir dos quais as acções, as estruturas e as relações tornam-se significativas. Minayo e Sanchez (1993) são de opinião que as estratégias qualitativas indicam o que é importante estudar em um dado contexto sociocultural, permitindo identificar variáveis pertinentes e formular hipóteses culturalmente apropriadas. Esta abordagem permitiu captar os sentimentos, as opiniões e as interpretações que configuram o comportamento dos «gays», possibilitando-nos uma maior apreensão do fenómeno da homossexualidade.

Como instrumentos de recolha de dados a pesquisa privilegiou a entrevista não estruturada, entrevista semi-estruturada e histórias de vida. A entrevista não estruturada foi seleccionada para este estudo pelo facto de permitir ao investigador, segundo Magno (2004), retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados, onde o investigador está livre para em cada situação direccionar a entrevista de acordo com o que seja considerado adequado para fins de obtenção da informação da pesquisa. Este tipo de entrevista segundo Magno (2006), permite uma flexibilidade do roteiro. Considerando este estudo de natureza qualitativa, as entrevistas não estruturadas foram importantes mas sem nunca ter perdido o objectivo das questões.

A entrevista semi-estruturada, foi relevante para este estudo porque segundo Lakatos (1992), esta é usada para buscar dados de índole qualitativo, como valores, normas, vivências que interessam ao pesquisador em relação

a um determinado tema ou assunto, sendo útil para perceber os sentidos e os significados que os «gays» atribuem à sua conduta, de modo a se sentirem inseridos num determinado meio social, conviverem e interagirem, tendo sido previamente reconhecidos considerando a sua orientação sexual. Através da conversa que este tipo de entrevista permite, e sem perder o foco, foi possível aceder e registar informações muito importantes para o estudo, dando liberdade ao nosso entrevistado de falar sobre o assunto.

As histórias de vida, não no seu sentido clássico mas com particular incidência sobre os percursos de construção de identidades sexuais, o momento em que se manifesta esta tendência sexual, na medida em que, as histórias de vida como instrumentos de recolha de dados permitem segundo Lakatos (1992:223), “obter dados relativos à «experiência íntima» de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objecto em estudo”, ou na perspectiva de Copans (1981:51), quando refere que “a história de vida é a expressão que serve para designar uma biografia ou autobiografia em Antropologia”, procurando deste modo perceber dos nossos entrevistados como numa determinada fase de sua vida descobriram a sua orientação sexual e passaram a conviver com ela.

Estas entrevistas foram direccionadas aos «gays», de modo a perceber o que fazem individualmente como homossexuais «gays», que lhes possa permitir de forma livre e espontânea exteriorizar a sua orientação sexual de forma a serem socialmente legitimados, conhecendo o seu estado. Relativamente ao nosso universo de análise, a presente pesquisa tem como grupo alvo os homens homossexuais «gays», que fazem parte da Associação Lambda.

### **Sexualidade: Posicionamentos teóricos**

A discussão em torno da sexualidade tem sido marcada pela confrontação entre duas posições: o essencialismo e o construtivismo social. A abordagem teórica neste estudo repousa nas análises de (Heilborn e Brandão 1999; Weeks 1999 e Vance 1995).

O construtivismo social segundo Heilborn e Brandão (1999:4) “reúne abordagens que buscam problematizar a universalidade desse instinto sexual. Os construtivistas partilham a visão de que actos sexuais fisicamente idênticos podem ter importância social e significados subjectivos variáveis, dependendo de como são definidos e compreendidos em diferentes culturas e períodos históricos”. O foco da argumentação é o de que existem formas



culturalmente específicas para classificar a sexualidade, que envolvem contactos corporais entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ligados ou não à actividade reprodutiva, que podem ter significados totalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre grupos populacionais de uma determinada cultura.

Esta perspectiva é também defendida por Weeks (1999:43) afirmando que “no construtivismo social argumenta-se que só pode-se entender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular e apreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser o comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável”.

Na abordagem de Heilborn e Brandão postula-se que “nas trincheiras do essencialismo domina a convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual que conduz as acções. A sexualidade ora restringe-se a um mecanismo fisiológico, a serviço da reprodução da espécie, ora à manifestação de uma pulsão, de ordem psíquica, que busca se extravasar”(1999:3).

Deste modo, os significados sexuais e, sobretudo, a própria noção de experiência ou comportamento sexual não seriam passíveis de generalização, dado que estão ancorados em teias de significados articulados a outras modalidades de classificação, como o sistema de parentesco e de género, as classificações etárias, a estrutura de privilégios sociais e de distribuição de riqueza, só para citar alguns.

Na perspectiva de Gagnon e Simon (1973) citados por Heilborn e Brandão (1999), do ponto de vista das ciências sociais, torna-se imperativo identificar as articulações e ligações entre esses eixos de classificação social, na medida em que a sexualidade, como qualquer outro domínio da vida, depende de socialização, de aprendizagem de determinadas regras, de roteiros e cenários culturais para que a actividade sexual possa ser significada e exercida. Não há, assim, uma razão universal pairando sobre as condutas e muito menos sobre os significados do que seja sexual.

Para Parker (1994), citado por Heilborn e Brandão, “o sexual não se restringe à dimensão reprodutiva como é defendido pelo essencialismo, tampouco

à psíquica, estando impregnado de convenções culturais acerca do que consistem a excitação e a satisfação eróticas, construções simbólicas que modelam as próprias sensações físicas” (1999:3). Os desdobramentos da postura construtivista podem ainda redundar em diferentes interpretações, segundo o grau de autonomia conferido à sexualidade em relação à reprodução. Desse modo há, internamente no paradigma do construtivismo social tensões não necessariamente explícitas, que respondem por uma abordagem cultural mais moderada ou mais enfática.

Por seu turno Vance (1995) propõe dois modelos para classificar o construtivismo social aplicado à sexualidade. O primeiro, denominado modelo de influência cultural, que parte da premissa de que há uma partilha fundamental entre corpo e razão, na qual o corpo permanece como uma espécie de substrato ao qual a cultura se sobrepõe, alterando/modelando os comportamentos, as experiências e as significações relativas ao que chamamos de experiência sexual. Aceita-se que a sexualidade seja universal e biologicamente determinada, cabendo a cada sociedade conformar o impulso sexual. O segundo modelo é mais enfático, postulando que o domínio do sexual, do erótico ou das sensações do corpo é puro efeito de construções culturais. Nesse sentido, é necessário identificar as mediações, os vínculos que, em cada momento histórico, definem o que seja sexual e de que modo tal significado se articula com as classificações de gênero, com a reprodução e com o sistema de parentesco. Não há portanto, algo inerente à fisiologia ou à psique humanas que possa ser considerado um substrato universal sobre o qual a cultura opera, privilegiando-se o pressuposto da radical arbitrariedade do que venha a ser sexual.

A abordagem construtivista é importante para o nosso estudo, pelo facto de envolver na sua análise um aspecto fundamental, que é o campo das significações e por outro lado a valorização do contexto, isto é, a atribuição de sentidos e significados distintos a relações que envolvem contactos corporais entre pessoas do mesmo sexo, possibilitando deste modo olhar a sexualidade de forma particular e isolada e perceber os sentidos que os agentes imputam as suas condutas e, deste modo, tornar possível perceber a partir das atitudes e comportamentos adoptados pelos «gays» a imagem que estas pessoas têm delas mesmas e de seus comportamentos sexuais, especialmente em se tratando de sujeitos participantes, que valorizam suas atitudes e seu comportamento sexual. Nesta perspectiva as identidades representam

algo que os indivíduos vão incorporando ao longo do tempo e podem ser mutáveis mediante o contexto. A ideia de identidade nesta perspectiva tem o sentido de fluidez e também é relacional e situacional. Esta perspectiva privilegia os aspectos sociais, culturais e históricos num determinado contexto para afirmação de uma certa identidade sexual.

Esta perspectiva fornece elementos que nos possibilitam analisar os mecanismos, accionados e manipulados pelos «gays», por outro lado, a atribuição de significados às suas acções, que lhes possibilitem uma posterior afirmação e legitimação social neste contexto que constitui o nosso estudo.

### **Trajectórias sexuais**

Nesta secção e a partir das «histórias de vida» com particular incidência para aspectos que nos informam sobre o processo de construção, assimilação e exteriorização de uma identidade sexual, aliada a um conjunto de comportamentos a ela associados, reconstituir o percurso sexual e os aspectos marcantes relativamente aos relacionamentos como homossexuais. O objectivo é mostrar como o percurso de vida sexual pode ser visto como um processo de construção e assimilação de identidades sexuais e oferecer indicações claras sobre o processo de afirmação da mesma identidade. Neste capítulo é ainda possível mostrar a forma como as práticas sexuais são vividas e experimentadas pelos informantes no seu quotidiano. Outro objectivo é de captar os significados atribuídos a estas práticas e entender como a sua sexualidade influi no processo de construção de identidades.

Em relação ao grupo estudado, é necessário reiterar que o estudo constatou que os «gays» são pessoas, são homens de diferentes origens sociais, com família, amigos (homossexuais e heterossexuais), trabalhadores, uns vivem na zona urbana, e outros nos arredores, de diferentes faixas etárias, o que faz com que relativamente à análise das trajectórias sexuais, entre os dados recolhidos, a diversidade seja o elemento que caracteriza os «gays». O estudo constatou que em alguns casos e ao longo do seu percurso sexual, os informantes tiveram experiências heterossexuais, embora não tenham considerado significativas quando comparadas a sua experiência homossexual como ilustram as seguintes descrições:

*(...) Minha primeira experiência sexual foi como heterossexual (...) foi sexo vaginal (...) como homossexual descobri que em vez de sexo anal, existe uma pluralidade*

*de formas de sentir prazer (...) existe sexo oral, aprendi muita coisa, como mudança de posições, práticas sexuais diferentes (...)... sexo com homem e com mulher não é a mesma coisa, é muito diferente (...) sexo com homem me sinto mais livre, mais solto e desimpedido, com mulher acho que me sentia mais limitado. Desde que descobri minha orientação homossexual, nunca mais me relacionei com mulheres (...)" 33 Anos, Estudante da Universidade Pedagógica*

*(...) Tive uma namorada mas não era nada sério, era tudo uma fase de criança, nada de namoro a sério ... (...) A minha primeira experiência sexual foi com o meu vizinho, tinha por aí 16-17 anos (...), a parte mais irritante foi na fase da penetração...eu senti muitas dores (...) trocamos-nos... ele me penetrou e eu lhe penetrei também... foi bom, senti-me realizado...foi algo inexplicável (...)" 22 Anos, Estudante*

Por outro lado, podemos encontrar algumas similaridades em relação ao momento em que os informantes começaram a encarar com frontalidade para sua orientação sexual, como sustenta a abordagem trazida por Costa (1994:90) quando afirma que “ a certeza da homossexualidade só estará clara dentro do homem após os primeiros anos de juventude. O rapaz homossexual dá então outro passo, no sentido de explicitar e de concretizar a sua orientação afectiva sexual. Ele começa a se reconhecer enquanto homossexual, para si mesmo, a partir do desejo por outros rapazes”. Costa (1994:90), afirma que “ para se aceitar homossexualmente, o homem passa por quatro momentos, o sentir-se diferente, o começar a dar um sentido sexual a essa diferença, o reconhecer-se como homossexual, por meio do papel afectivo sexual com outros e, finalmente, o aceitar esses sentimentos e esse modo de vida”.

*“ (...) Desde criança que sou assim, eu sempre gostei de homens (...) mas foi na adolescência que assumi que o meu negócio não era com mulheres, mas sim homens...” 19 anos, Estudante do colégio Rei De Maputo.*

*“ (...) Quando tu és pequeno por vezes pensas que existem coisas que com o tempo passam, ou hão de mudar, mas quando comesças a ganhar consciência das coisas comesças a sentir que parece que alguma coisa se está a passar, foi assim que aconteceu comigo, quando tinha por ai 12 anos, comecei a sentir me atraído por homens, mas achava que era loucura, mas depois me conformei, com mulheres só faço amizade, e me relaciono com homens (...)”* 20 anos, Estudante da Escola Secundária Josina Machel.

*“ (...) Na fase da adolescência isso agudizou, atingi a maturidade muito cedo entre os 13-14 anos, já sentia aquela atracção por homens (...)”* 22 Anos, Estudante do I.G.C

De acordo com as informações que pudemos apurar de alguns dos nossos informantes a sexualidade não pode ser entendida como prática de relações sexuais porque esta pode não ser prioritária para a sua vida, ela é considerada mais um aspecto da multiplicidade de fenómenos que corporizam suas actividades rotineiras como ilustra a descrição abaixo referenciada:

*“ (...) O sexo para mim está em terceiro plano (...) primeiro é o meu bem-estar (...) sexo não é tudo, é uma necessidade biológica, mas não é prioritário (...) até posso me arriscar a dizer que para mim numa relação sexo é algo complementar (...)”* 33 Anos, Estudante da Universidade Pedagógica

Não constituindo a sexualidade um domínio privilegiado da vida de alguns dos nossos informantes como sustentaram alguns discursos, um aspecto se afigurou importante no processo de reconstituição do percurso sexual dos mesmos, onde destacou-se o facto de embora para alguns a primeira experiência sexual ter sido heterossexual (homem/mulher), esta não tem a mesma expressão e o mesmo significado quando comparada a sua primeira experiência homossexual (homem/homem), sendo esta última descrita como um momento de auto-realização pessoal, único e incomparável.

### **Afirmação e legitimação de uma identidade sexual**

De acordo com os informantes, embora a afirmação da sua identidade se-

xual homoerótica seja condicionada por diversos factores, como a discriminação, a ignorância por parte de algumas pessoas do que é ser um homem homossexual, do preconceito, do medo e pela incerteza em relação à reacção dos seus parentes e pelo facto de a sexualidade ser uma questão de índole privada. Existem diversas formas através das quais os «gays» procuram afirmar a sua identidade sexual, como a linguagem onde são usados certos termos para se denominarem, como por exemplo a expressão «manas», esta é usada mais em encontros com outros «gays», outros através da sua indumentária, onde preferem se vestir com roupas apertadas e justas. É importante referir que estes mecanismos não são exclusivos a todos os «gays», não é uma postura adoptada por todos os «gays» porque existem aqueles que a indumentária é indiferente, mas não deixam de se identificar como «gays».

Relativamente ao medo, à incerteza e á discriminação, estas questões podem ser explicitados a partir da ideia trazida por Paim e Bernardes (1997) quando afirmam que a percepção da homossexualidade, tanto no espaço público como no espaço privado, agride a cultura homofóbica e heterossexual em que vivemos onde auto afirmar-se como «gay» ou como «lésbica» é no mínimo, um desafio ou um desacato. Sanders postula que “ a homofobia diz respeito a sentimentos negativos frente a pessoas homossexuais ou diante do conhecimento de que outras pessoas são «gays» ou «lésbicas»” (Sanders in Paim and Bernardes 1997: 242). O heterossexismo se refere à crença, mantida culturalmente, de que o amor entre homens e mulheres é a única forma possível de vivenciá-lo”. Nestas circunstâncias, «gays» e «lésbicas» são proibidos de se tocarem, se abraçarem e se beijarem. São proibidos de expressarem de forma espontânea o seu sentimento amoroso na presença de outrem, particularmente quando se trata do espaço público.

Do mesmo modo, Sousa Filho afirma que “ por força do preconceito entre os homossexuais, por exemplo, há aqueles que permanecem escondidos, clandestinos, reprimidos, no «armário» (como ressalta a gíria «gay»), enquanto há outros, e hoje, cada vez mais, que procuram assumir sua sexualidade, de maneira pública e política” (2007:14). Sousa Filho (2007) ressalta ainda que a afirmação de uma identidade homossexual é também uma questão política de desejos e de direitos.

O preconceito inverteu as razões e apresentou a homossexualidade como um desvio de um suposto desenvolvimento normal, quando se trata de uma variante da sexualidade existindo em todos, mas inibida pela sujeição cultu-

ral através da ideologia da heteronormatividade<sup>13</sup>. A própria normalidade não passa de uma construção simbólica reversível, mas que para se perpetuar, procura todos os meios de sua naturalização e divinização.

Durante o processo de recolha de dados foi perceptível a heterogeneidade de informações que se podem captar quando se discutem questões relacionadas à afirmação de uma identidade sexual, principalmente quando se trata de exteriorização de uma orientação homoerótica. Uns não vêem nenhum problema em afirmarem-se “gays”, mas consideram ser um assunto de índole privado como sustentam os argumentos abaixo mencionados:

*“ (...) Quando há necessidade de afirmar a minha identidade sexual me afirmo... não permito que as pessoas falem ou conversem coisas que não sabem sobre a homossexualidade enquanto estou por perto... muita gente fala mal dos homossexuais e da homossexualidade porque não sabe nada sobre o assunto (...) 33 Anos, Estudante da Universidade Pedagógica*

*“ (...) Falar de afirmação é um pouco complicado porque, eu acho que ninguém anda na rua a perguntar se as pessoas são homossexuais ou heterossexuais, isso é uma coisa privada, as pessoas até podem desconfiar, não é muito necessário porque mesmo os heterossexuais não andam a dizer o que são ou o que fazem... mas se me perguntarem é claro que não vou negar afinal é a minha maneira de ser, nós temos que ter coragem para assumir o que somos, eu sou gay e procuro me afirmar como tal quando necessário (...)” 22 anos Estudante*

*“ (...) Eu sou gay mas também não gosto de ser vulgar... não há necessidade de por um carimbo na minha testa*

---

13 Entenda-se heteronormatividade como a ideia de que a heterossexualidade é a forma “correcta” de orientação sexual, “a norma”. Dela deriva a posição de que todas as outras manifestações de desejo sexual seriam “anormais”. Os valores relativos à heteronormatividade penetram nas nossas ideias e pensamentos sobre a sexualidade e as relações sexuais de maneira geral.

*que diga que sou hetero ou homossexual ... isso não interessa a ninguém, apenas a mim (...)*” 20 anos Estudante da Escola Secundária Josina Machel.

Devido á diversidade de informação colectada é possível ainda inferir a partir dos dados colectados que alguns «gays» vivem a sua orientação sexual de forma aberta e recebem apoio por parte das pessoas que convivem com eles. Este tipo de atitude é importante para os «gays», porque nestas circunstâncias eles se sentem encorajados para lutarem pela afirmação da sua identidade sexual, num contexto de discriminação esta postura mostra que a diferença não impede a convivência como foi referenciado:

*“ (...) Meus colegas da faculdade alguns sabem que sou gay, sabem da minha orientação, outros não, mas isso não impede nada, nos relacionamos muito bem, o facto de eu ser homossexual não muda nada, ou pelo menos penso que não muda nada porque se mudasse talvez me sentiria isolado, mas não sofro isso (...) independentemente do que eu seja, onde quer que esteja procuro primeiro conquistar o espaço (...) por enquanto não vivo nenhum tipo de discriminação, não me sinto discriminado (...) ”.*  
33 Anos, Estudante da Universidade Pedagógica

*“ (...) Minha família praticamente é minha irmã e minha mãe, vivo com elas, elas sabem e me apoiam, sempre me entenderam (...) não foi difícil me afirmar para elas (...) não tenho muita proximidade com outros parentes como meus tios, quer da parte da minha mãe assim como da parte do meu pai, daí o facto de eles intervirem muito pouco na minha vida...meus primos até podem desconfiar mas nunca os disse (...) ”* 19 Anos, Estudante do Colégio Rei de Maputo

*(...) Algumas pessoas aceitam e me respeitam como gay, apoiam me...minha mãe me apoia, ele diz que eu tenho que viver a minha sexualidade de forma honesta...a família da minha mãe me apoia (...)* 22 anos, Estudante do I.G.C



Nestes diferentes argumentos nota-se uma similitude no que concerne à família. O apoio e compreensão por parte dos parentes surgem como um aspecto que se afigura importante para a afirmação da sua condição «gay». O apoio familiar tranquiliza o indivíduo, oferece segurança e protecção. Podemos ainda inferir destes diferentes discursos dois tipos de acções relativamente a afirmação e legitimação social destes indivíduos. Por um lado as acções individuais, marcadas pelo facto de nem todos os «gays» sentirem necessidade de exteriorizar a sua identidade sexual em conformidade com a sua orientação sexual, por diversas razões como o estigma, medo, e por outro, as acções colectivas ou de grupo como festas, seminários e outros encontros regulares, despertam neste grupo a necessidade de se afirmarem e reivindicarem por um olhar de normalidade relativamente as suas práticas.

### **Identidade (s) sexuais e formas de identificação usadas pelos “gays”**

A abordagem de Weeks (1999) postula que a «heterossexualidade» e a «homossexualidade», são produtos do campo da sexologia no séc. XIX para classificar o que era considerado como uma perturbação médico-moral e em suplantação ao termo «sadomia» que era então a palavra recorrentemente usada para se referir à homossexualidade. Com o passar do tempo, os termos passaram a ser empregues para se referir à identidade social e sexual das pessoas e não apenas para se referir a determinadas preferências sexuais. Weeks (1999:65) afirma de forma categórica que “relativamente à identidade homossexual o séc. XIX foi o marco histórico, porque foi a partir deste período que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada”.

A identidade social é aqui discutida como uma moldura possível, onde os sujeitos podem existir e se expressar num formato que não lhes é propriamente oferecido, porque para tal supor-se-ia que os seres sociais pudessem existir previamente à inserção na vida colectiva. Para Oliveira (2010: 376) “as identidades são criadas, recriadas e transformadas ao longo do tempo, a partir de interesses, expectativas e contextos específicos”. Na mesma lógica, Heilborn (1996) afirma que ao contrário, descarta-se a percepção de anterioridade ou externalidade dos sujeitos ao mundo das representações colectivas.

Nesse sentido, a identidade social constitui-se na actualização de princí-

pios de classificação social ordenados por valores que fabricam e situam os sujeitos. Esta ideia é partilhada por Sousa Filho (2007:4) mas aliada a questão da identidade sexual, “afirmando que o que chamamos de identidade sexual é uma construção ligada a práticas sexuais mas, da mesma maneira, ligada também a estilos de vida que asseguram para cada um, contextos de identidades colectivas, nos quais se definem pares iguais, com quem se vai estabelecer relações sociais e realizar desejos sexuais específicos”. Nesse sentido, a identidade corresponde ao modo como o próprio indivíduo se vê e à representação com a qual a sociedade o vê, a auto-classificação também é entendida por Pereira e Leal (2005) como sendo fundamental para entender o que o indivíduo pensa realmente acerca da sua identidade.

O estudo também buscou compreender as formas de identificação que os «gays» usam para se referirem a si próprios. Observou-se que os termos utilizados para descrever as suas identidades são empregues em dois níveis: o primeiro refere-se a situação em que o sujeito se descreve ou se aplica uma palavra (por exemplo «gay»), à qual atribui um conjunto de sentidos e significados específicos. Estamos ao nível da auto-classificação<sup>14</sup>. Por outro lado existe o nível da atribuição, em que a sociedade utiliza termos, palavras com determinados sentidos e significados para identificar e classificar os «gays». Desta forma não se pode assumir que existe uma identidade sexual exclusiva no seio destes indivíduos, mas um conjunto de termos para se classificarem e serem classificados dependendo das vicissitudes que o contexto autorizar e dos sujeitos envolvidos no processo de classificação.

Essas «identidades» podem ser expressas de diferentes maneiras, utilizando diferentes termos e os seus significados podem sobrepor-se entre si, de acordo com o contexto e com as pessoas que os utilizam. Dos nossos entrevistados destacam-se dois grupos: por um lado os assumidos, aqueles indivíduos que adoptam uma postura pública, assumem e procuram afirmar sua identidade sexual, perante amigos, parentes, e sociedade em geral relativamente à sua orientação sexual homoerótica como ilustram as considerações abaixo mencionadas, porém fica explícito que embora as questões relativas à iden-

---

14 Segundo (Mondimore, 1998) citada por Perreira e Leal (2005) o processo de construção da identidade é um processo de auto-classificação no qual o indivíduo reconhece e aplica um rótulo. No entanto, a aprendizagem e a aplicação desse rótulo leva muitas vezes ao confronto com a negatividade. Por esta razão, a questão “sou homossexual?”, é muitas vezes respondida com muita ansiedade, dado que a qualidade da resposta terá implicações directas em todos os aspectos da vida do indivíduo.

tidade sexual tenham sua importância para vida destes indivíduos, esta não repousa apenas na identidade sexual, mas num conjunto de aspectos que não foram aqui descritos, onde a identidade sexual é um dos componentes.

*“ (...) Eu não oculto minha identidade sexual, não tenho medo de me identificar como “gay”, também porque não preciso de apelar a minha identidade sexual (...) as pessoas não perguntam (...) não tem muita relevância (...) também convivo com muita gente que não sabe que eu sou “gay”, não porque eu tenha receio de me identificar mas porque não há necessidade, não sinto necessidade de me identificar a partir da minha orientação sexual (...), não tenho medo de me identificar como gay, sou crescido e responsável pelos meus actos (...) discriminação, preconceito, são coisas que toda a sociedade tem, não só com os “gays” mas com outro tipo de pessoas, portanto é preciso saber conviver com isso se na verdade se quer assumir uma postura e uma identidade “gay” (...)”* 30 Anos, Estudante Universitário

*“ (...) Eu me afirmo como “gay”, não tenho nenhum problema em dar a entender as pessoas que sou “gay”... eu aprecio roupas de homem, mas também gosto de coisas apertadas, justas (...) eu penso que é difícil para um pai que aceitar que o filho gosta de homens e não de mulheres (...), muitos pensam que um homem gostar de uma mulher e uma mulher gostar de uma homem é uma coisa natural e automática, mas não é bem assim (...) os pais não aceitam facilmente, mas acabam percebendo (...), meu pai em vida soube e sempre me apoiou (...) mas também não preciso andar por aí a dizer que sou isto ou aquilo, não fica bem, porque cada qual é como é, e não precisa contar a ninguém a vida particular (...)”* 22 Anos, Estudante do I.G.C

Por outro lado existem certos casos em que estes homens preferem manter em segredo a sua orientação sexual por diversos motivos, que se consubstanciam na falta de preparo para enfrentar as sanções sociais e reacções que podem surgir na família ou na sociedade em geral como ilustram as seguin-

tes considerações:

*(...) Na minha família ainda não assumi minha identidade homossexual (...) por enquanto prefiro continuar no armário<sup>15</sup>, porque sinto que ainda não estou preparado para me afirmar (...) prefiro que a minha mãe não saiba de momento, enquanto eu não for dono do meu nariz, não pagar minhas contas e despesas sozinho, enquanto continuar a viver em casa de meus pais não me sentirei preparado para contar lhes a verdade porque tenho medo da reacção deles (...) quando começar a pagar as minhas contas sozinho, e viver de baixo do meu tecto, aí já estarei mais preparado (...) outra coisa que me faz não exteriorizar minha orientação sexual, resulta do facto da minha mãe sofrer de pressão alta, então não quero chocá-la (...)*  
20 Anos, Estudante da Escola Secundária Josina Machel.

*“ (...) Relativamente à família aceitar ou não aceitar o facto de um dos seus membros ser ou não homossexual, isso depende de cada família, existem aquelas famílias mais conservadoras, que por mais que um dos seus membros seja “gay” preferem manter isso em segredo e trancado a sete chaves, vivem no silêncio (...) outras são mais liberais, mas a maioria penso que ainda não lida com a homossexualidade de forma pacífica e normal (...) na minha família por exemplo eu falo da homossexualidade, mas acho que existe um momento ideal de revelar a minha orientação sexual (...) é preciso preparar a eles, para essa notícia não cair feito uma bomba (...) eu sou o único filho homem, outras são mulheres, minha mãe está a espera de uma nora e netos que não vou poder lhe dar (...) minha mãe sabe ou desconfia, mas ela quer ter certeza, ela quer que eu lhe diga, quer ouvir isso da minha boca (...), sou único filho homem, mas primeiro a minha felicidade depois a felicidade dos outros (...) não*

---

15 No armário é um termo de origem inglesa (in the closet) que denota um indivíduo que não divulga sua orientação sexual e frequentemente se esforça para que outras pessoas não venham a atestá-la. Quem está “no armário” é quem não assumiu para si mesmo ou para a sociedade uma identidade relativa à sua orientação sexual.

*vou casar para agradar aos outros e fazer papel de bom samaritano, o que está em jogo é a minha felicidade, eu sou dono de mim (...)* 33 Anos, Estudante da Universidade Pedagógica

Ainda no que concerne à atribuição de uma identidade como forma de classificação dos «gays», existe um conjunto de designações consideradas de linguagem calão que são usadas pela sociedade em geral para classificar os «gays». Dentre várias denominações referenciadas pelos nossos entrevistados, destacam-se as palavras «maricas», «bicha», «panoleiro», como sendo usadas com mais frequência, como uma expressão clara do estigma e do preconceito, e muitas vezes são usadas como forma de ofensa e exclusão destes indivíduos, e os «gays» como pessoas normais sentem que estes termos marginalizam o seu comportamento como ilustra a seguinte descrição:

*“ (...) Eu me sinto ofendido quando as pessoas me chamam de “maricas”, porque as pessoas usam essa palavra como forma de te gozar (...) as pessoas por vezes esquecem que nós os gays também temos sentimentos, não somos doentes (...) nascemos assim não porque quisemos, foi a natureza que nos fez assim (...)”* 22 Anos, Estudante

*(...) Aceito que as pessoas me chamem “gay”, porque sou “gay”, agora não admito que me tratem ou me chamem boyola, maricas panoleiro, biba, porque são adjetivos depreciativos, que não retratam a homossexualidade nem a vida dos homossexuais (...)* 19 Anos. Estudante do Colégio Rei de Maputo.

*(...) Quem sabe de verdade o que é a homossexualidade não usa adjetivos como “boyola”, “maricas” ou outros, o problema das pessoas é ignorância... não sabem o que é, e se sabem não tem informação suficiente... a homossexualidade não é doença, não contamina a ninguém... muitas vezes as pessoas falam e comentam sobre coisas que não sabem e sobre pessoas que mal conhecem, é preciso respeitar a liberdade das pessoas e principalmente a sua intimidade, porque o que a pessoa faz ou deixa de fazer, desde que não prejudique a ninguém é livre de fazê-lo (...)*

Estudante Universitário, 23 anos

Pode-se constatar destes diferentes discursos que para estes homens a sua identidade sexual está intimamente ligada à sua orientação sexual, e que o termo preferencialmente usado para serem designados é «gay». Este termo traduz todo o seu comportamento sexual de forma não ofensiva, representa a sua identidade sexual, emocional e afectiva por homens. Pode se constatar também o uso do termo «gay» também é usado como uma forma de reivindicar direitos de igualdade e tratamento relativamente aos heterossexuais. Se por um lado não se pode falar de uma identidade omnipresente, devido ao carácter fluído das identidades que podem ser relacionais e situacionais, porque o facto de o indivíduo se relacionar sexual e afectivamente com parceiros do mesmo sexo não é um elemento que define as suas identidades na perspectiva trazida por Foucault (1998) e Heilborn (1995). A identidade sexual é para estes indivíduos um espaço de possibilidades e de reivindicação, onde eles podem surgir, se expressar e reclamar legitimidade.

### **Espaços de convívio entre «gays»**

Quando se abordam assuntos relacionados aos homossexuais e neste caso específico sobre os «gays», a dimensão humana destes indivíduos é por vezes esquecida, reduzindo o seu comportamento e as suas práticas a uma dimensão sexual. É importante salientar que estes homens são pessoas, tem famílias, alguns são pais, tem amigos, trabalham, e relacionam se com uma pluralidade de pessoas e que as suas redes sociabilidade são compostas por indivíduos de diferentes origens sociais, embora em termos de convívio alguns tenham algumas preferências em relação ao tipo de pessoas com as quais se relacionam como «gays». Neste capítulo procuram-se explorar as redes de sociabilidade dos «gays» tendo como ponto de referência a associação Lambda e alicerçando-nos nas contribuições de Marteleto (2005:73) quando considera que, “as redes sociais designam normalmente, não exclusivamente os movimentos fracamente institucionalizados mas sim, composto por indivíduos, grupos onde sua dinâmica está voltada para a perpetuação, consolidação e o desenvolvimento das actividades dos seus membros”

Existem concepções de redes sociais que dão ênfase às estratégias individuais dos actores sociais na construção de laços fortes, estratégias vistas como indispensáveis para que o indivíduo possa fazer face as situações adversas.

Neste sentido, a noção de rede social reflecte uma acção estratégica de um indivíduo ou grupo com o fim de sobrevivência no meio social.

Este estudo também buscou compreender como é que os «gays» se relacionavam entre eles, como e onde partilham alguns momentos que consideravam especiais de sociabilidade. Quando solicitados a descreverem a composição de suas redes sociais, os entrevistados de forma misturada e multifacetada afirmaram que estas eram compostas por família, amigos heterossexuais e homossexuais, e espaços frequentados como festas, palestras organizadas pela Lambda, seminários de capacitação, só para citar alguns. Mostraram que relativamente as redes de amizade e sociabilidade possuíam algumas preferências como mostram os argumentos abaixo mobilizados:

*“(...) As minhas amizades verdadeiras são heterossexuais, as pessoas que mais me apoiam me incentivam são pessoas que não tem nada a ver com a minha orientação sexual, são heterossexuais... prefiro fazer amizades com pessoas heterossexuais do que com homossexuais. Dos meus amigos heterossexuais nenhum me discrimina, alguns tinham preconceitos, pelo facto de não saberem o que era isso de ser homossexual ou ser “gay” (...)” 22 Anos. Estudante do I.G.C*

*“(...) Tenho amigos heterossexuais (homens e mulheres), conversamos normalmente, falamos de tudo (...) não há discriminação (...) a maioria deles sabe que sou “gay”... no princípio alguns queriam aproveitar se de mim, convidavam me para ir para cama (...) Converso com “gays” mas não tenho muitos amigos gays (...) são pessoas simpáticas... não gosto de me misturar”. 20 Anos, Estudante*

*“(...) Só tenho amigos “gays” amigos heterossexuais são amigos dos meus amigos, então não os considero meus*

*amigos, mas não tenho nenhum problema com eles, convivemos muito bem (...)*” 19 Anos, Estudante Colégio Rei de Maputo

Relativamente à Associação Lambda esta foi descrita pelos informantes, como sendo o local preferencial de sociabilidade entre as minorias sexuais dos quais os «gays» fazem parte e um dos espaços privilegiados para encontrar novos parceiros. Foi sistemática a declaração de que a Lambda era considerada uma segunda casa, significando estas declarações que era um local acolhedor, onde se podia permanecer longe da vigilância. Como mostram as seguintes considerações:

*“ (...) Para mim é mais fácil e melhor viver e conviver em associações do que sozinho, porque sozinho não teria dado os passos que dei até o momento, o facto de existir mais alguém como nós cria uma sensação de segurança. A Lambda é para mim uma segunda família, e o convívio é saudável aqui na Lambda (...)*” 33 Anos, Estudante da Universidade Pedagógica

*“ (...) As associações trazem paz e tranquilidade aos homossexuais e eu não sou excepção, na Lambda eu me sinto em casa...é difícil o relacionamento fora da Lambda com a sociedade em geral... mas o principal motivo é a falta de conhecimento e informação (...)*”22 anos Estudante do I.G.C

Por outro lado é também na associação, onde partilha se a sensação e a ideia de não ser/estar sozinho, transmite-se a ideia de pertença a um grupo com uma características comum que os une, a orientação sexual.

*“ (...) Estar associado é positivo porque na medida em que vai aumentando o número de indivíduos é importante...é mais fácil ganhar e lutar por uma causa em grupo do que individualmente (...) na Lambda somos todos iguais independentemente da condição socioeconómica da pessoa, lutamos por uma causa...queremos ser aceites na sociedade e não ser olhados de lado...queremos que a nossa orientação sexual seja olhada com frontalidade*



*e que tenhamos o livre direito de nos relacionarmos sem discriminação (...)*” 22 Anos, Estudante do I.G.C.

*“(...) A Lambda é a minha segunda casa (...) quando estou aqui, dá-me uma sensação de segurança...estou entre pessoas iguais a mim (...) convivo com as outras “manas (homens gays)”... é confortável saberes que não estás sozinho que tens companheiros iguais a ti, e que a tua causa é a causa de muitos (...)*” 20 anos, Estudante da Escola Secundária Josina Machel.

*“(...) A Lambda é o melhor que podia acontecer às minorias sexuais, acho bom estar associado a Lambda, por acaso eu não converso com todos, mas acho bom (...) não me sinto excluído. Aqui dentro temos as nossas diferenças, mas estamos unidos por uma mesma causa (...) fora da Lambda as diferenças são mais notórias, somos mais pressionados, existe uma normalidade construída de que homem se relaciona com mulher e vice versa, quando aparecem dois homens juntos, as pessoas são tomadas por um sentimento de estranheza, falam, comentam, questionam, é uma realidade diferente da habitual, e só percebe quem está por dentro do assunto (...)*” 19 Anos, Estudante do Colégio Rei de Maputo.

Esta similaridade na argumentação relativa à associação Lambda como local preferencial de relacionamento e convívio entre os «gays» pode ser explicitada a partir dos argumentos mobilizados por Costa (1994:98) quando sustenta que, “os homens homossexuais acabam criando pontos de encontro onde podem conviver mais livremente, como bares, saunas, clubes ou entre grupos de amigos ou de militância”. Esta ideia trazida por (Costa 1994), é partilhada por Bagnol (1996:5) quando afirma que “para as minorias sexuais (homossexuais) dos quais os «gays» fazem parte, geralmente não assumem a sua identidade afectivo sexual homoerótica fora dos seus grupos e estes por sua vez funcionam como instrumentos de socialização das suas atracções e também de protecção”.

Sendo discriminados, os homens homossexuais sentem necessidade social de conviver em grupo, longe do controle da sociedade heterossexual. No

mesmo prisma de análise, Paim e Bernardes (1997:312) advogam que “ em um contexto de segregação, discriminatório e estigmatizante, os segredos também podem ser utilizados como protecção contra prováveis recriminações ou punições”.

Outros lugares de sociabilidade foram identificados como locais eleitos para se relacionarem, como festas de amigos, bares, discotecas, sendo considerada como o local de sociabilidade por excelência a festa das «manas», organizada pela Associação Lambda, que procura congrega todas as minorias sexuais e coloca-las em interacção. Nestes diferentes lugares descritos pelos informantes, estabelecem-se vínculos afectivos e sexuais duradouros e temporários entre eles, procuram-se exaltar os valores associados a homossexualidade. É na Lambda onde se cria e se desenvolve uma consciência de pertença ao mundo homossexual, as acções desenvolvidas pela Lambda ofuscam o medo, o receio, o preconceito e estimulam os «gays» a assumirem com frontalidade a sua identidade sexual, porém a ausência de um instrumento legal que salvaguarde particularmente os direitos dos homossexuais continua sendo um dos principais constrangimentos para sua afirmação e legitimação social.

### **Considerações finais**

Com o surgimento da Lambda em Moçambique, as minorias sexuais não só ganharam um espaço de sociabilidade, convívio e diversão como também ganharam um espaço de interacção. Foi com o seu aparecimento que se cria um espaço de maior visibilidade da homossexualidade, alguns homossexuais ganharam consciência dos seus direitos, e procuram a partir deste local se afirmar e reivindicar uma legitimidade de forma explícita. Esta análise constatou pouca homogeneidade relativamente à postura dos «gays» nos diferentes discursos, a variedade de informações é a principal característica destes indivíduos estudados. Neste sentido, esboçar um perfil específico com as características e o comportamento delimitado destes indivíduos torna-se uma tarefa difícil e delicada.

A existência de instituições como família, igreja, medicina e outras, que procuram controlar e regular o comportamento dos indivíduos com relação a sua sexualidade, e sancionar algumas práticas consideradas “anormais” como a homossexualidade, não esgota e muito menos encerra a conduta sexual dos indivíduos na essencialização ou da naturalização do seu compor-

tamento sexual. Porque as identidades não são fixas e estáveis, mas mutáveis e contextuais como mostra o estudo, aos indivíduos esta surge como um campo de possibilidades, em que novas experiências vão sendo incorporadas e de acordo com o que o contexto autorizar estas identidades podem ser exteriorizadas de diferentes maneiras ou vividas na intimidade. Destaca-se nos diferentes discursos a consciência de proibição que acompanha esta orientação sexual por pessoas do mesmo sexo.

A redução do comportamento sexual ao tipo de órgãos genitais que os indivíduos possuem, aos papéis de género estabelecidos culturalmente e contextualmente ou a padrões de comportamento socialmente estabelecidos, não só ocultam a verdadeira dimensão do fenómeno ligado à homossexualidade, como também promovem práticas que violam sistematicamente os direitos destes indivíduos, porque explicar todas as dimensões da vida das pessoas através da sexualidade torna-se extremamente empobrecedor e reducionista. A essencialização da experiência afectiva desqualifica a vivência homossexual como afiliação amorosa, reduzindo-a a uma dimensão exclusivamente sexual genital. O estudo constatou que não podemos olhar os homossexuais «gays» apenas pelo lado sexual, é necessário que se analise o lado humano e social destes indivíduos, porque são pessoas normais, que não apresentam nenhuma marca distintiva dos heterossexuais, tem família, amigos, colegas, partilham ideias e possuem redes sociais muito extensas e podemos conviver com eles sem sabermos da sua orientação sexual.

Na análise de fenómenos ligados a homossexualidade é preciso ter em consideração a multiplicidade de comportamentos que podem corporificar o mesmo comportamento sexual. Num espaço orientado por valores, normas e padrões de comportamento socialmente construídos e estabelecidos, assumir uma identidade sexual que é considerada anormal é um acto de coragem porque ninguém faz uma opção por um modo de vida que sabe que será discriminado.

Por um lado a afirmação de uma identidade «gay» passa pela aceitação privada dessa identidade homossexual e, pode ser entendida como uma questão política, uma realidade necessária em face de objectivos práticos, sendo fundamental para o movimento homossexual como uma estratégia utilizada na reivindicação de direitos. Por outro lado, falar em identidade «gay» não significa que esta identidade seja omnipresente e regule todos os aspectos da vida do indivíduo, reduzindo-o à dimensão sexual de sua exis-

tência. Deste modo, quando falamos em afirmação e legitimação de uma identidade «gay» devemos deixar claro que a homossexualidade é apenas um aspecto da identidade destes indivíduos e que portanto não podemos reduzi-los a isso.

Por outro lado foi possível inferir que devido ao preconceito e a ignorância das práticas homossexuais, na maioria das vezes a afirmação de uma identidade homossexual «gay», pode conduzir à discriminação destes indivíduos pela sociedade em geral, assumindo comportamentos que marginalizem os «gays» por considerá-los pessoas inferiores e anormais quando comparados aos heterossexuais. Estes constrangimentos conduzem alguns “gays” a viverem sua orientação sexual de forma sigilosa e em privado. A afirmação de uma identidade homossexual “gay”, é um processo que passa pelo reconhecimento de uma incompatibilidade em compreender os papéis sexuais sociais e pelo reconhecimento da diferença.

A regulação da sexualidade por diferentes instituições obscurece a manifestação de novas formas de vivenciar outras experiências sexuais. Por outro lado, a existência de laços de solidariedade entre os “gays” é outro aspecto que marca os diferentes relatos colhidos dos informantes.

## Bibliografia

Ávila, Maria Betônia; Portela, Ana Paula & Ferreira, Verônica 2005. *Novas Legalidades e Democratização da Vida: Família, Sexualidade e Aborto*. Editora Garamond. Rio de Janeiro, Brasil.

Bagnol, Brigitte 1996. *Diagnóstico de Orientação Sexual em Maputo e Nampula*. Maputo: Embaixada do Reino dos Países Baixos, Maputo.

Banditer, Elisabeth 1993. *XY: Sobre a identidade masculina*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Câmara, Cristina 2002. *Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Avançada.

Copans, Jean 1981. A Profissão de Antropólogo. In: *Críticas e Políticas da Antropologia*: 47-73. Lisboa: Edições 70.

Costa, Ronaldo Pamplona da 1994. *Os onze sexos: As múltiplas facetas da sexualidade humana*. 2ª Edição, São Paulo: Editora Gente.

Foucault, Michel 1998. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

Heilborn, Maria Luísa 1996. Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: Parker, Richard & Barbosa, Regina. *Sexualidades Brasileiras*: 136-145. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Heilborn, Maria Luíza & Brandão, Elaine Reis 1999. Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade. In: Heilborn, Maria Luíza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*: 7-17. IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

Lakatos, Eva Maria 1992. *Metodologia de Trabalho Científico*. 4ª Edição. Editora Atlas, São Paulo.

Louro, Guacira Lopes (org.). 2000. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica.

Magno, Attila & Barbosa, Silva 2004. *Directrizes Básicas Para a Elaboração de Projectos de Pesquisa e Trabalhos de Conclusão de Curso*. Editora Belém. Pará- Brasil.

Marteleteo, Regina Maria 2001. *Análise das redes sociais – aplicação nos estudos de transferências de informação*. Vol.3, nº 1, Brasília: 71 – 81.

Minayo, Maria Cecília de Sousa & Sanches, Odécio 1993. *Quantitativo-qualitativo: Oposição ou Complementaridade?* Caderno Saúde Pública, 9 (3): 237-248.

Paim, Jane. S. & Bernardes, N. M. G. 1997. Percepção Social da Homossexualidade Na Perspectiva de Gays e Lésbicas. In: Zanella, Andréa V. et al (org.). *Psicologia e Práticas Sociais*. Porto Alegre/RS: Abrapso Sul, Vol. 1.

Parker, Richard 1991. Introdução. In: *Corpos, Prazeres e Paixões: A cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seler.

Pereira, Henrique & Leal, Isabel Pereira 2005. *A identidade (homo) sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde*. *Análise Psicológica*, 3 (XXIII): 315-322.

Sousa Filho, A. 2007. A resposta gay. In: Francisco de Oliveira Barros Júnior; Solimar Oliveira Lima. (Org.). *Homossexualidades sem fronteiras*. Vol.1: 11-35. Olhares. Rio de Janeiro: BookLink.

Vance, C. S. 1995. *A Antropologia Redescobre a Sexualidade: Um Comentário Teórico*. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*. 5(1): 7-31. IMS/UERJ: Relume-Dumará.

Weeks, Jeffrey 1999. O corpo e a sexualidade. In: Louro Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado*: 35-82 Belo Horizonte: Autêntica.



